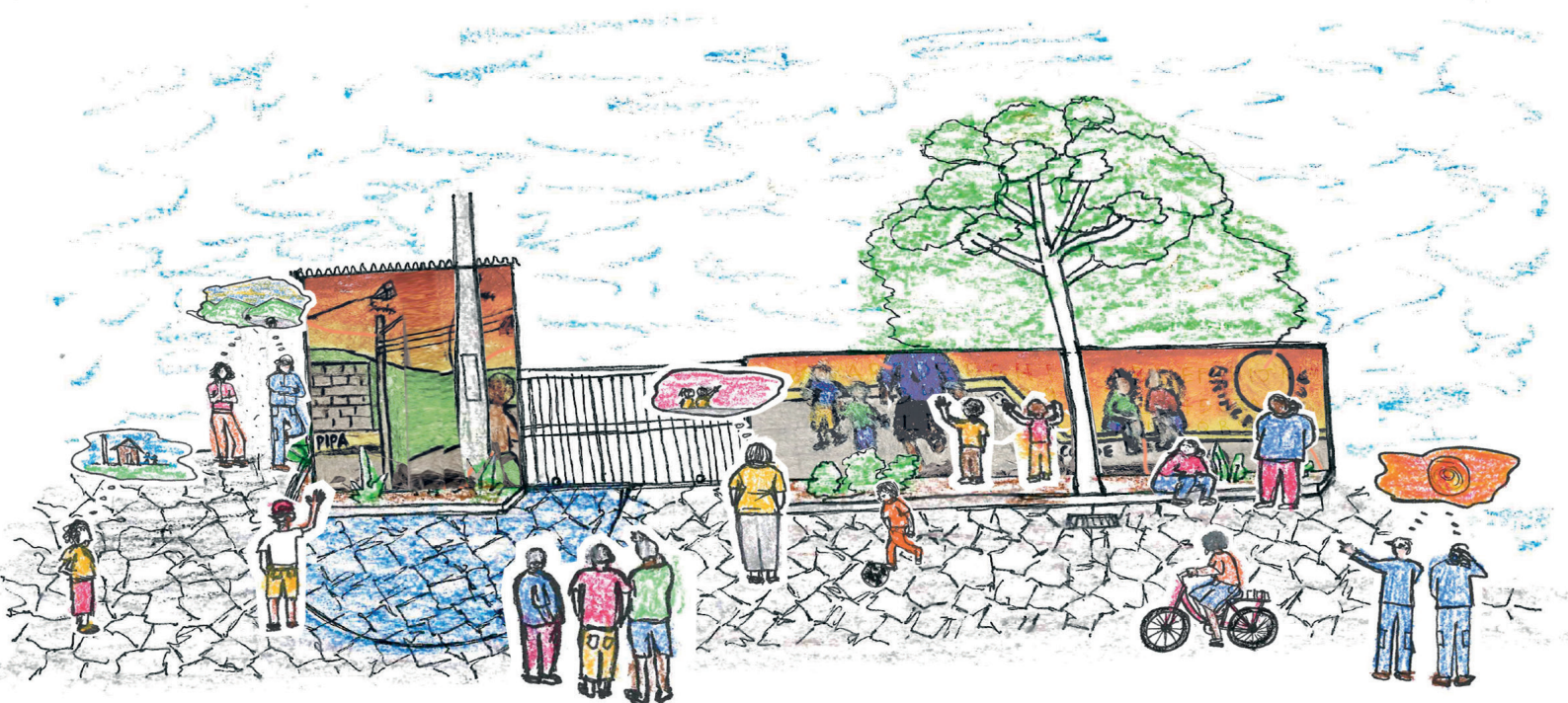


Amabilidade urbana como enfrentamento ao estigma em comunidades periféricas:

arte urbana a partir do olhar das crianças no território Frei Damião

Ana Maria Oliveira - 19100488
Orientador: Samuel Steiner



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	03
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	04
MOTIVAÇÕES	04
APRESENTAÇÃO	05
JUSTIFICATIVA	05
OBJETIVO GERAL	06
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	06
LEITURA DO TERRITÓRIO	07
O ESTIGMA E A COMUNIDADE FREI DAMIÃO	09
APROXIMAÇÃO DA REALIDADE LOCAL	10
APROXIMAÇÃO COM O RECORTE DE ATUAÇÃO	14
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	17
INTERVENÇÃO TEMPORÁRIA	18
INTERVENÇÃO TEMPORÁRIA DE ARTE PÚBLICA	20
METODOLOGIA	22
MOMENTO PRÁTICO	24
OFICINA 01: A RUA DOS SEUS SONHOS	25
CAMINHADAS PÓS OFICINA 01	31
OFICINA 02: A RUA DOS SEUS SONHOS	33
CAMINHADAS PÓS OFICINA 02	37
ESTUDOS PARA O MURAL PÓS ETAPA DE OFICINAS E CAMINHADAS 01 E 02	37
OFICINA 03: O MURAL DAS BRINCADEIRAS	39
ANÁLISE TRANSVERSAL DAS OFICINAS E PROPOSTA PARA O MURAL	43
DIAS DE INTERVENÇÃO	44
EXECUÇÃO DO MURAL ARTÍSTICO	45
INTERVENÇÃO DIA 01	45
INTERVENÇÃO DIA 02	50
INTERVENÇÃO DIA 03	53
INTERVENÇÃO DIA 04	55
INTERVENÇÃO DIA 05	57
REFLEXÕES FINAIS	51
ANÁLISE DO PROCESSO	51
O QUE FICA?	64
NOTAS DE RODAPÉ	65
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS	68

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é sobre pessoas.

Dessa forma, agradeço a todas aquelas que me atravessaram e me transformaram ao longo do caminho.

Agradeço aos que amo e que já não habitam mais este espaço-tempo.

Àqueles que deixaram de viver, mas não deixaram de existir.

À Brenda, que embora tenha partido tão cedo, me transformou em um momento anterior à graduação e me fez olhar para a arte como um caminho possível.

Agradeço aos que partiram durante a minha formação, que me ensinaram na sua presença e me desafiaram a aprender a viver com a sua ausência.

Ao meu pai, pelo olhar sobre a realidade e pela vontade de transformá-la.

Ao meu avô, pela presença transformadora e por ser o maior artista que já conheci.

À minha avó, pela sabedoria compartilhada e pelo amor disseminado.

E minha madrinha, pelo acolhimento no início da graduação e força para continuar.

Agradeço aos que permanecem.

À minha mãe, por ser base, amparo e acolhimento em meio aos lutos vividos e desafios enfrentados.

À minha irmã mais velha, por ser referência como pessoa e companhia inigualável.

Aos meus irmãos mais novos, por serem a esperança, o amor incondicional e o respiro necessário.

Aos amigos de infância, por continuarem e transformarem o passado em um presente vivo.

Aos amigos da vida adulta, que caminham ao meu lado e me ensinam dia após dia com trocas transformadoras.

Agradeço pela oportunidade de estar em uma universidade pública.

Às amizades cultivadas ao longo da graduação e às pessoas que se fizeram presente nesse ano de imersão para a finalização deste ciclo.

Ao Coletivo UFSC CONVIDA, pela chance de mergulhar na arte urbana e me redescobrir como artista.

À Residência ATHIS-UFSC, em especial à Frente de Intervenções, pelas trocas enriquecedoras e pelo apoio profundo na execução deste projeto.

Agradeço à comunidade Frei Damião, em especial ao Projeto Freirinha e às crianças, que estiveram sempre abertas para construir este trabalho junto a mim de forma leve, sincera e imersa em afetos.

E, por fim, agradeço ao meu professor orientador, Samuel, que transformou minha graduação e mostrou caminhos possíveis no qual me identifiquei. Agradeço pelas oportunidades, pelo conhecimento compartilhado, pela referência como profissional e pelo apoio constante durante todo este processo.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

MOTIVAÇÕES

O tema deste trabalho nasce da percepção sobre a importância da atuação universitária para além dos muros institucionais, no cotidiano, em contato direto com as pessoas e com a cidade. Ele emerge da compreensão com relação ao papel do arquiteto e urbanista como um agente de transformação social e do reconhecimento da urgência de atuação em territórios periféricos. Como artista, surge também a intenção de integrar os conhecimentos adquiridos ao longo da formação e levantar a discussão dentro do campo ampliado da arquitetura, olhando para os aspectos subjetivos que constroem formas objetivas.

Minha motivação se fortaleceu pela experiência adquirida em projetos de extensão, que marcaram profundamente minha trajetória acadêmica. Durante 4 anos participei do Ateliê Modelo de Arquitetura (AMA), onde pude compreender sobre metodologias participativas e atuar junto a comunidades como a da Ponta do Leal, a de Remanescentes do Quilombo Toca-Santa Cruz e a do Morro da Caixa. Também participei do Coletivo UFSC CONVIDA, onde me inseri em debates sobre a cultura hip-hop e arte urbana, vivenciando a cidade sob outras perspectivas e compreendendo na prática seu potencial como espaço de criação, expressão e apropriação. Complementar a isso, participei de projetos de extensão voltados ao urbanismo, como a elaboração de uma cartilha com as possibilidades de implementação de ATHIS no município de Chapecó e a participação da revisão do Plano Diretor Participativo do município de Anitápolis, no qual entendi melhor sobre legislações e dinâmicas urbanas.

A partir dessa construção como pessoa e profissional, fortaleceu-se em mim a necessidade de devolutiva da minha formação e conhecimento adquirido para a comunidade, como fundamento dessa formação dentro do tripé ensino, pesquisa e extensão. Com esse horizonte, me aproximo da comunidade Frei Damião, no município de Palhoça/SC, por meio da oportunidade de participação da Residência de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS-UFSC)¹ nos anos de 2024 e 2025. Nesse contexto, com as experiências adquiridas e vínculos iniciados, encontro espaço para atuar no local articulando tudo o que construí na graduação: urbanismo, arte, participação social e atuação no território. É nessa união de oportunidades que defino o recorte e o caminho possível para este trabalho.

APRESENTAÇÃO

A aproximação com a temática e com o recorte de estudo do presente trabalho, se deu especialmente devido à participação no curso de Residência de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social, a Residência ATHIS-UFSC. Durante os anos de 2024 e 2025 o curso possibilitou o contato direto com a comunidade Frei Damião, localizada no município de Palhoça-SC, que permitiu aproximação às dinâmicas e a realidade local. Com o embasamento teórico aliado à prática, foi possível perceber os desafios enfrentados: o estigma de marginalização ali presente, a ausência de atuação do Estado e a dificuldade de implementação de políticas públicas no território, assim como a dificuldade de acesso aos direitos básicos. A Residência ATHIS-UFSC, foi organizada em frentes de atuação, uma delas era a Frente de intervenções, a qual atuei como membra. Nessa Frente, junto das Frentes de Habitação, de Equipamentos Comunitários, Urbanização e Posto Territorial, foi possível se aproximar da comunidade e compreender sobre a importância das atuações emergenciais em paralelo aos trabalhos de longo prazo. E em especial, no ano de 2025, com a Rua Antônio de Souza, o local de atuação mais próxima. Perante ao entendimento sobre as mudanças da estrutura física da Frei Damião e considerando a diferença entre os ritmos da universidade x comunidade, surgiu como objetivo uma proposta que pudesse ser implementada a curto prazo e trabalhar com o compromisso de devolutiva para o território. Dessa forma, é elaborada a estratégia de atuação com projetos de rápida execução, com o uso de materiais acessíveis e de fácil manuseio, tendo a arte como fio condutor da ação.

Assim, é utilizado o conceito de intervenções temporárias, abordado por Fontes (2011), que apresenta uma forma de atuação em espaços públicos e coletivos em comunidades, de forma aproximada com o cotidiano local e buscando a interação com os moradores. Ainda, dentro do tema, a intervenção artística foi adotada como um instrumento de comunicação, expressão e apropriação do espaço público, por meio de oficinas que possuíam o desenho como suporte e a intervenção de um mural na comunidade.

O processo para a proposta se fundamenta em levantar o debate artístico, a utilização de métodos participativos e construção coletiva. Dessa forma, as oficinas com os moradores, caminhadas e trocas com representantes locais, realizados com o apoio da Residência ATHIS-UFSC, possibilitaram a aproximação com o que é característico do cotidiano do território.

Com a execução coletiva da intervenção temporária, apresenta-se o conceito de amabilidade urbana, discutido por Fontes (2011), como o potencialidade da ação, com a valorização dos aspectos subjetivos que constroem uma cidade viva.

Assim, a partir de um trabalho prático, vivo e coletivo, entende-se a análise de todo o processo como elemento fundamental, que permite melhor compreensão da ação e permite identificar as lacunas e potencialidades da ação, que podem possibilitar maior aproximação com a realidade local e experiência compartilhada para ações futuras.

JUSTIFICATIVA

Frente ao estigma existente, as práticas dialógicas e participativas, se mostram como meios para a valorização da identidade local e a criação de um discurso mais condizente com a realidade. A proposta de intervenção temporária de arte urbana é a possibilidade de atuação com a responsabilidade devolutiva do trabalho para a comunidade, com um projeto de curto prazo que permite a reflexão a partir da prática e análise dos impactos no território.

A aproximação da discussão sobre os espaços coletivos com atividades práticas, reafirma a importância dos locais de encontro e a força da sua apropriação pelos usuários.

OBJETIVO GERAL

O trabalho tem como objetivo geral utilizar a arte como ferramenta de transformação social e de apropriação do espaço público, por meio de um processo participativo realizado principalmente com as crianças da comunidade Frei Damião, dando visibilidade para as potencialidades da cena cotidiana local.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1) Compreender as dinâmicas locais e identificar as potencialidades e desafios cotidianos, por meio de metodologias dialógicas e participativas;
- 2) Compreender como se dá o uso dos espaços públicos e coletivos do território pelos moradores;
- 3) Ouvir e acolher a perspectiva dos moradores, especialmente as crianças, sobre seu próprio território;
- 4) Utilizar a arte como metodologia projetual, ferramenta de comunicação e instrumento de apropriação dos espaços públicos e coletivos;
- 5) Democratizar o acesso à arte e questionar sobre a sua função social;
- 6) Executar a intervenção temporária de arte urbana de forma coletiva, com uma integração especialmente com as crianças da comunidade Frei Damião, buscando colaborar no fortalecimento de seu sentimento de pertencimento com a obra e o local;
- 7) A partir da prática de desenvolvimento da intervenção, possibilitar uma reflexão crítica acerca dos limites e potencialidades do conceito de amabilidade urbana.

LEITURA DO TERRITÓRIO

“As Favelas e Comunidades Urbanas são territórios populares originados das diversas estratégias utilizadas pela população para atender, geralmente de forma autônoma e coletiva, às suas necessidades de moradia e usos associados (comércio, serviços, lazer, cultura, entre outros), diante da insuficiência e inadequação das políticas públicas e investimentos privados dirigidos à garantia do direito à cidade.”
(IBGE, 2024)



QUAL É A SUA IMPRESSÃO INICIAL SOBRE A COMUNIDADE FREI DAMIÃO?

Respostas de moradores de bairros adjacentes:

“Esse é o lugar mais **PERIGOSO** da região metropolitana de Florianópolis, a Frei Damião”

“Cuidado ao caminhar por lá, **esse lugar é PERIGOSO**”

“**Bairro violento, sem estrutura, dominado pelo crime e muito pobre** [...] e sempre foi assim”

“**VULNERABILIDADE, POBREZA E PERIGO**”

“**Falar Frei Damião é aquele canto ali**. Aqui é Brejarú”

“Para nós a Frei Damião é **conhecida como uma comunidade de muita POBREZA E MARGINALIDADE**. Um local que muitas vezes não permite a entrada de pessoas de fora [...] pelo que sei, é o bairro mais pobre de Palhoça”

“**Uma gente que precisa ser vista**, uma comunidade que precisa ser incluída em políticas públicas que contribuam para o seu desenvolvimento e superação de dificuldades”

“[...] **bairro sem visibilidade**, na prefeitura, enchentes, necessidade de ajuda”

“**comunidade à margem da sociedade** [...] hoje é **difícil assumir o RISCO de entrar lá** porque o tráfico e a criminalidade aumentaram bastante [...] a última vez que assumi o risco de entrar para fazer uma visita, foi em 2022, mas percebi que haviam muitos olhares atravessados e uma tensão em volta [...]”

“**Comunidade CARENTE**, pessoas em situação de vulnerabilidade social extrema, múltiplas violências, ausência do poder público, ausência de políticas públicas de inclusão, desigualdade social [...]”

“Uma **comunidade CARENTE**”

“Pobreza, drogas, violência, **carência**”

“**comunidade carente**”

“**pessoas CARENTES** [...]”

“[...] **pessoas SEM PERSPECTIVA de vida**”

Fonte: autoria própria com base em pergunta feita para moradores do entorno.

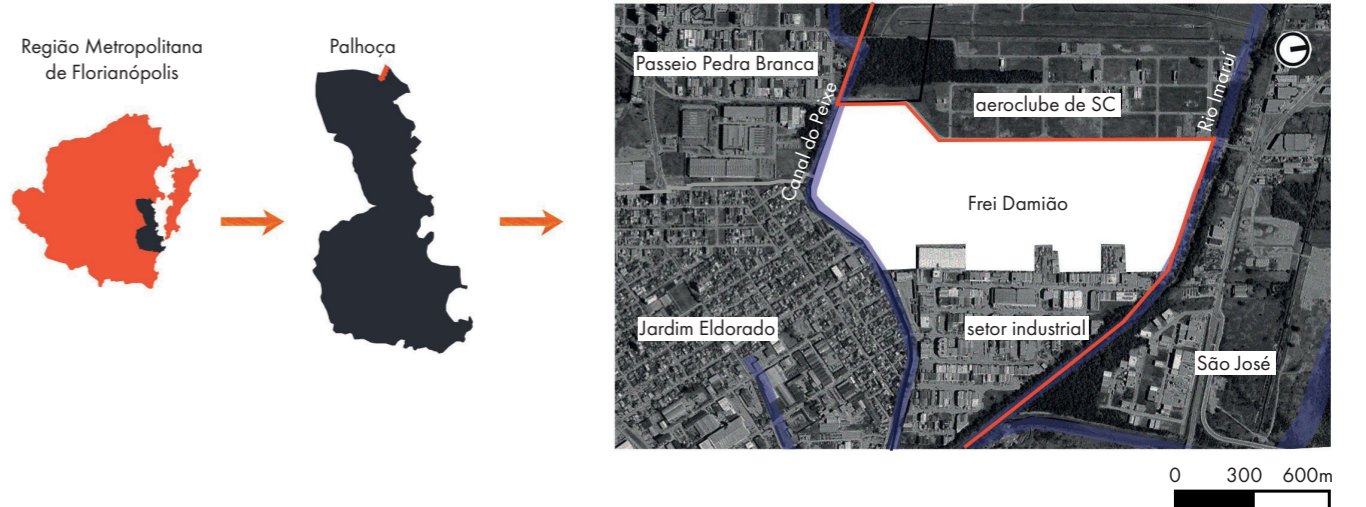
O ESTIGMA E A COMUNIDADE FREI DAMIÃO

Nos discursos hegemônicos, as favelas geralmente foram associadas a estereótipos² de marginalidade, violência e carência. Essas falas reduzem as comunidades a lugares excludentes e “sem perspectiva de vida”. Cria-se, dessa forma, uma hierarquização territorial marcada pelo preconceito e discriminação, que as distancia até mesmo dos bairros vizinhos (SILVA e BARBOSA, 2013). O estigma construído sobre as comunidades agrava as dificuldades de acesso aos seus direitos básicos, esvazia a identidade local e ignora as potencialidades presentes no território, tratando a diversidade como um “problema a ser atravessado” (SANTOS, 2019). Ojima (2010) afirma que:

“A estigmatização possui, essencialmente, uma natureza de desqualificação social do estigmatizado por parte dos ‘normais’, na medida em que a identidade real do indivíduo aponta atributos físicos, morais ou grupais que são negativos àquela expectativa que antes se tinha sobre sua identidade social virtual. O estigma, portanto, não é analisado como um simples ‘estado’ em si, mas sim como um processo histórico de desqualificação social ao longo da própria carreira moral (Goffman, 1999) do indivíduo.” (OJIMA et al., 2010, p. 404)

Entretanto, como já discutido por Silva e Barbosa (2013), diferente do que se observa em discursos mais conservadores, não se deve tomar a visão negativa sobre o território como uma verdade absoluta. Percebe-se, constantemente, que as favelas representam uma maximização de aspectos culturais e sociais, e se afirmam e reafirmam de um modo autêntico e inovador no espaço urbano brasileiro. Por conta da desigualdade social e da falta de reconhecimento até mesmo pelo próprio Estado, as favelas sofrem com dificuldades como acesso à moradia digna, educação e trabalho bem remunerado, que reforçam a necessidade de olhar para esse território de forma plena, dando visibilidade e voz à todos que habitam o local. É nesse contexto que se insere a comunidade Frei Damião, com sua conformação na década de 1980, possui hoje uma área de aproximadamente 0,75km². Composta por um loteamento regular e áreas de ocupação informal, inseridas em área de preservação permanente (APP) às margens do Rio Imarú, é uma região suscetível a inundações e enxurradas. Localizada no município de Palhoça/SC na divisa com São José/SC, está desconectada do seu entorno, sendo delimitada no sentido norte pelo Rio Imarú, no sentido Sul pelo Canal do Peixe, a Leste fica o setor industrial e a Oeste há fica o aeroclube de Santa Catarina e acessa o Bairro Pedra Branca, ambos sem conexão com a comunidade (BILESSIMO, 2024) (Figura 01).

Figura 01: Mapa de localização



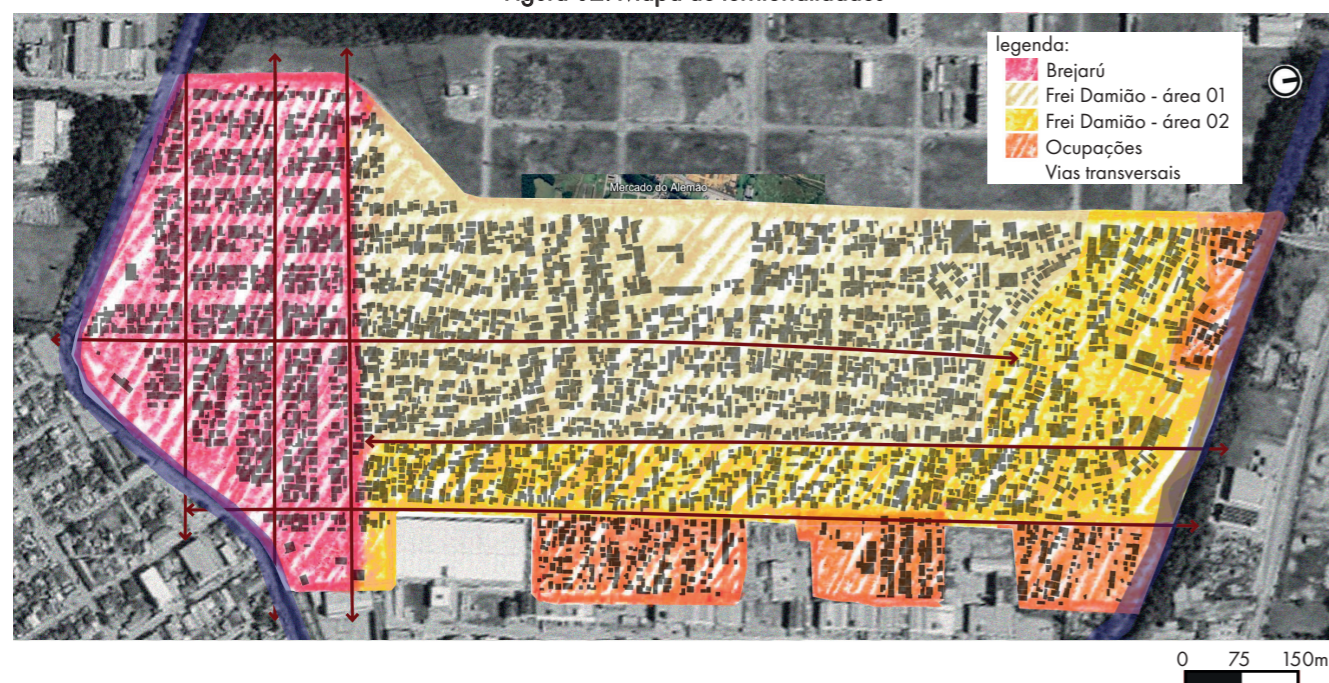
Fonte: autoria própria conforme dados do acervo da Residência ATHIS-UFSC e Google Earth.

A localidade enfrenta desafios cotidianos relacionados ao direito à cidade³, além de sofrer com o estigma que atinge seus moradores e suas dinâmicas locais. O distanciamento em relação à realidade vivida vai além das barreiras físicas, visto que, mesmo os dados levantados pelo Censo e divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2024, indicam a Frei Damião como a maior favela de Santa Catarina, mas apresentam com uma população aproximada de 7.273 habitantes. Esse número é expressivamente inferior ao estimado pela Associação de Moradores e pela Unidade Básica de Saúde (UBS) do território, que apontam mais de 12.000 habitantes no local (CARTANA, 2024). Além disso, com relação às condições de vida da população, dados levantados pelo Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (ICOM) em 2023, mostram que 42% dessa população está na faixa da extrema pobreza e 91% possui uma renda mensal de até 2 salários mínimos para, muitas vezes, sustentar famílias com mais de 4 pessoas.

APROXIMAÇÃO DA REALIDADE LOCAL

Para além dos dados quantitativos, é a partir do trabalho de escuta ativa e aproximação das dinâmicas existentes que se revelam as potencialidades e as problemáticas do local. Essa forma de leitura do território permite entender que, mesmo dentro da própria comunidade, há diferentes territorialidades com características distintas no que diz respeito às condições de moradia, à infraestrutura urbana, ao acesso a equipamentos públicos e às áreas de lazer. Por meio da leitura do mapa de territorialidades (Figura 02), percebe-se alterações no traçado urbano que evidenciam desigualdades de acesso aos seus direitos básicos na cidade. Na porção sul, onde fica o bairro Brejarú e a área 01 da Frei Damião, observa-se uma região com melhores condições de infraestrutura urbana e moradias melhores equipadas. Nessa região os grãos no mapa são maiores e mais organizados, com uma lógica clara de quadras e vias públicas. Já nas áreas das ocupações e a área 02 da Frei Damião, encontram-se os maiores problemas de habitação e infraestrutura urbana no geral, os grãos são menores e mais adensados com o traçado das ruas menos definido. Percebe-se também um traçado de rua mais regular no território no sentido norte-sul, enquanto nas ruas transversais, caracterizadas em sua maioria por becos e vielas, possuem melhor infraestrutura e delimitação somente nas áreas mais consolidadas.

Figura 02: Mapa de territorialidades



Fonte: autoria própria conforme dados do acervo da Residência ATHIS-UFSC.

Ainda, os espaços públicos de lazer, quando analisados conforme o método convencional, observam-se apenas 4 áreas dispersas e distantes para grande parte dos moradores. Dentre essas delimitações formalizadas, algumas dessas sequer são utilizadas no dia a dia da comunidade, e se apresentam como locais ociosos e nada convidativos aos moradores (Figura 03). Essa realidade destaca a necessidade de espaços coletivos e de permanência qualificados para a população, e indica a diferença entre espaços demarcados institucionalmente mas que não se adequam ao cotidiano e lugares dotados de valor afetivo, que são construídos socialmente conforme a dinâmica existente. Leite (2004, p. 284) argumenta sobre essa “construção de lugares nos espaços públicos” onde há diferença entre “demarcações urbanas sem maiores significados para os atores e suas ações sociais” e os lugares que são “espaços de convergência simbólica, que resultam de experiências compartilhadas mediante alguma possibilidade de entendimento sobre o que significa um certo espaço e sobre o que representam certos conteúdos culturais partilhados” (LEITE, 2004, p. 287). Portanto, ao se aproximar do conceito de “não-lugar” de Augé (1992), embora sua ênfase seja outra, ao olhar contextos periféricos, seriam os espaços esvaziados de significado, apropriação e identidade, que não promovem a sociabilidade no local (FONTES, 2011).

Figura 03: Mapa espaços públicos de lazer



Fonte: autoria própria conforme dados do acervo da Residência ATHIS-UFSC.

Além da carência dos espaços de lazer, algumas vias da comunidade estão, atualmente, em processo de pavimentação conforme uma lógica rodoviária, que prioriza o automóvel e coloca pedestres e ciclistas em segundo plano. O calçamento executado possui uma largura que ignora as dimensões mínimas para os passeios, tornando-os inacessíveis e pouco convidativos à circulação dos pedestres. Essa situação obriga as pessoas a dividirem o espaço com os automóveis, gerando insegurança, sobretudo para as crianças. Mesmo com o alto fluxo de ciclistas e pedestres, não foram previstas cicloviás, faixas de pedestres e demais sinalizações de trânsito. Ainda, as ruas carecem de um sistema adequado de drenagem urbana, rede de esgoto, abastecimento de água, fornecimento de energia elétrica, iluminação pública, paisagismo, mobiliários e espaços de permanência (BILESSIMO, 2024).

Nesse sentido, os becos e vielas se apresentam como locais ainda mais preocupantes. Percebe-se dificuldades maiores de acesso à infraestrutura urbana adequada, com esgoto a céu aberto e inexistência

de passeios. As ruas são em sua maioria de chão batido, o que gera acúmulo de poeira, além de não estarem de fato conectadas à malha viária, acarretando na dificuldade diária em acessar equipamentos urbanos.

“A gente precisa de mais atividades para os adolescentes, a rua não é mais um lugar para brincar, os carros passam muito rápido tem que ficar cuidando o tempo inteiro. Falta mais cursos para os adolescentes ocuparem a cabeça, nas praças não dá para eles ficarem”



Moradora de Frei Damião, mãe de um menino adolescente

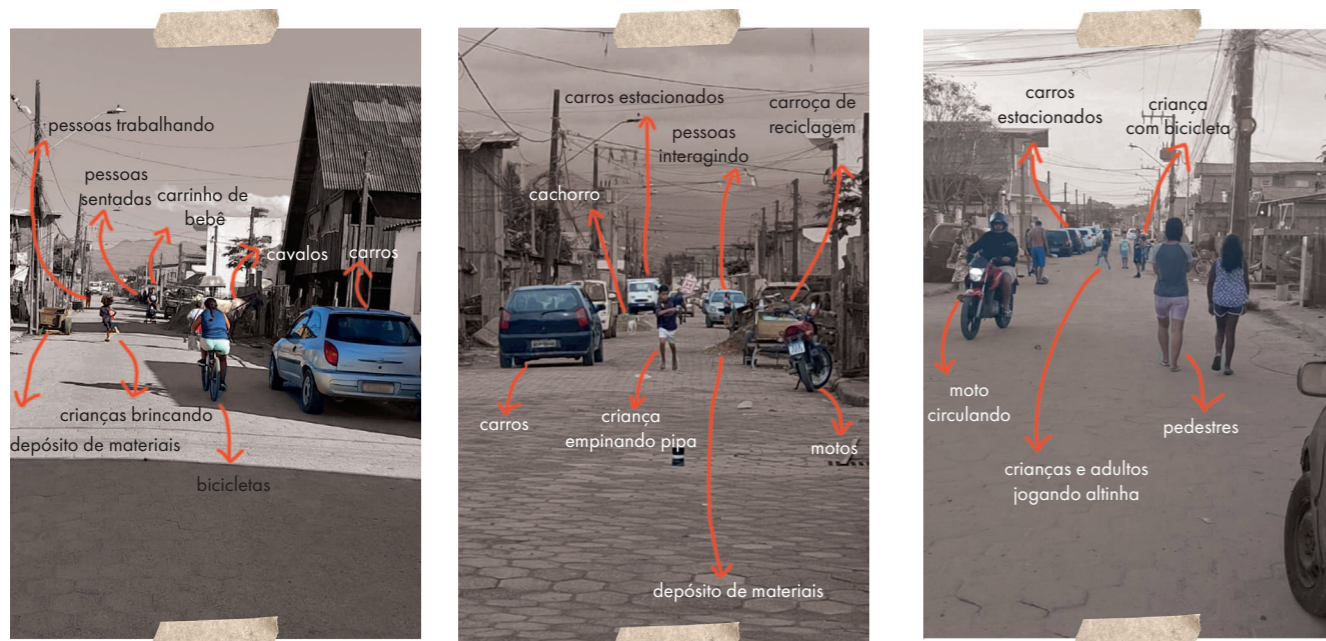
“tem que dar atenção para as servidão, tem que dar atenção pros morador, para quem ta precisando mesmo [...] aqui não tem ligação com o outro lado, quando eu preciso ir no posto de saúde preciso fazer uma volta”



Morador de Frei Damião, trabalhador

Apesar desse cenário de escassez de lugares e da reprodução de uma lógica urbana que prioriza os carros, as ruas se consolidam como o principal local de permanência, de sociabilidade e de expressão coletiva na comunidade. Mesmo em meio a condições precárias, elas se transformam em locais potentes de valorização da identidade local, de interação social e de reafirmação da coletividade (Figuras 04, 05 e 06). A importância da ativação das ruas pode ser compreendida com Gehl (2015), que argumenta que a cidade é viva quando favorece encontros entre pessoas, é ocupada por grupos diversos ao longo do dia e conforma um espaço convidativo para a realização de manifestações culturais e sociais. Essa vitalidade é capaz de favorecer para que os locais se tornem mais seguros e cheios de significados para seus usuários. De forma complementar, Leite (2004) argumenta que é nos espaços de convergência e de interação entre grupos, por meio de “formas cotidianas de apropriação de lugares”, que acontece a construção coletiva e a qualificação dos espaços públicos, atribuindo-lhes, assim, a condição de lugares. Ainda de acordo com o autor, quanto maior é a interação e apropriação com o local, maior é a sua potencialidade de construção política na coexistência de grupos diversos (BATALHA, 2019).

Figuras 04, 05 e 06: Ruas da comunidade



Fonte: autoria própria.

“a minha rua é a mais bonita [...] plantei uma bananeira e deixo tudo bem limpinho aqui mesmo[...] no verão trago rede, cama, vem as crianças todo mundo faz a festa aqui”



Morador da Frei Damião, representante de uma localidade da ocupação Elza Soares

Para além das ruas, os espaços de transição entre o ambiente público e o privado são adaptados conforme a realidade local, transformando-se em extensão das casas, que criam áreas de permanência e se comunicam com a rua (Figuras 07, 08 e 09).

Figuras 07, 08 e 09: Entre-lugares na comunidade



Fonte: autoria própria.

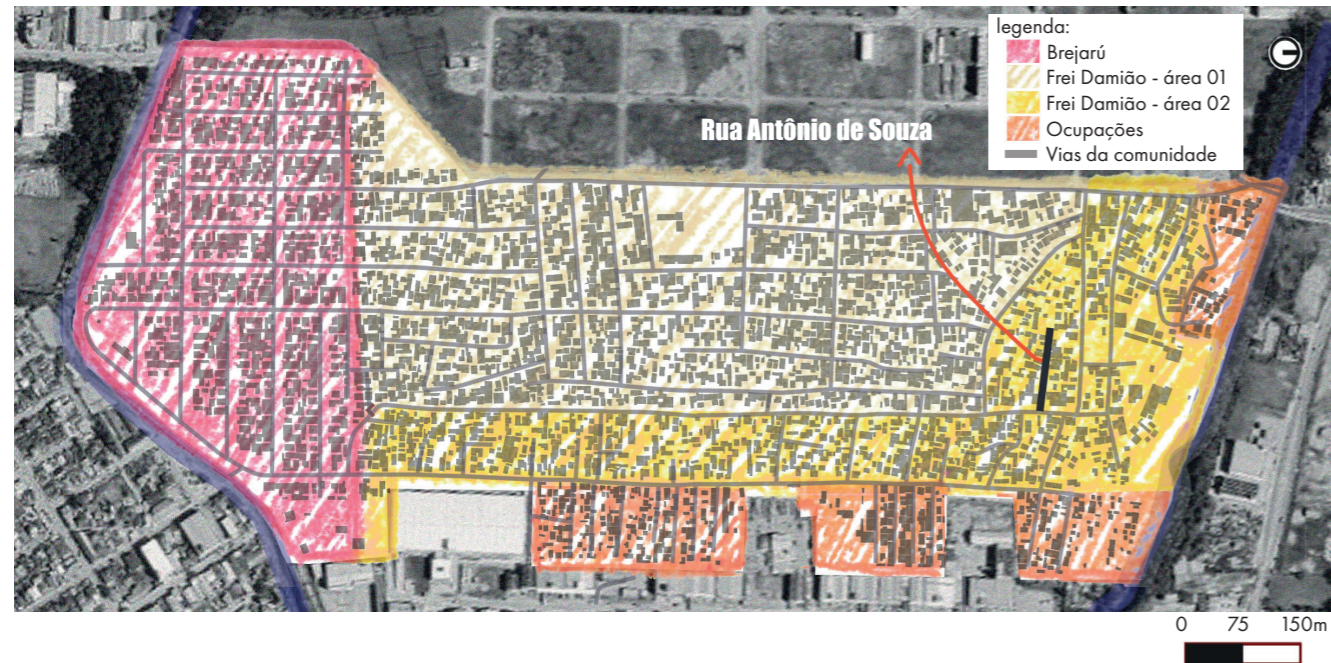
De acordo com o conceito de “entre-lugares” criado por Guatelli (2012), esses espaços situados às margens da cidade, podem se caracterizar tanto como barreiras urbanas, que distanciam o individual do coletivo, quanto se tornarem obras dotadas de apropriação, expressão criativa e invenção. Quando bem utilizados, com fachadas ativas e construídos de modo a cooperar com o espaço urbano, tornam-se locais “onde pode haver interação da vida dentro das edificações e da vida ao ar livre [...] Onde a cidade encontra as edificações.” (GEHL, 2015, p. 75). De acordo com a teoria de Lefebvre (1999) vê-se o valor de uso desses entre-lugares, capazes de potencializar práticas de apropriação e de criação por diferentes grupos sociais. Assim, mesmo que por vezes esquecidos ou vistos de forma negativa, podem ser espaços potentes de transformação e construção do ambiente urbano. São nos entre-lugares que se pode explorar o conceito de “espaços coletivos”, de Solà-Morales (1992), que independente de seu caráter público ou privado, se tornam locais com potencial de permanência e de valorização do encontro no ambiente urbano. São ambientes acolhedores, capazes de incentivar a interação entre sujeitos e transformar a relação das edificações com a rua (FONTES, 2011).



APROXIMAÇÃO COM O RECORTE DE ATUAÇÃO

Como estratégia de aproximação desses espaços coletivos em potencial, adota-se a Rua Antônio de Souza para a realização da intervenção e aproximação com os moradores. Localizada em uma porção menos consolidada do território, fica próxima a duas ocupações e apresenta como características singulares como ser uma rua sem saída mais larga que as demais da região e possuir um fluxo maior de pedestres (Figura 10).

Figura 10: Localização Rua Antônio de Souza



Fonte: autoria própria conforme dados do acervo da Residência ATHIS-UFSC.

Possui uso predominante residencial, embora alguns terrenos sejam de uso misto e abriguem comércios locais como bares, mercearias e lojas que atendem às proximidades. Esses locais criam entre-lugares, onde os limites entre o privado e o público se misturam e criam ambientes coletivos de permanência para os moradores (Figuras 11, 12 e 13). Eles criam cenários ativos, abertos ao uso, que estimulam a interação entre os passantes e usuários, que, segundo Rubio, Reinoso e Fernández (2007), são constituídos por um ambiente doméstico por serem extensões das moradias, mas ao mesmo tempo, público, por permitirem a sociabilidade e o convite para entrar (FONTES, 2011). "Porque a boa cidade é a que consegue dar valor público ao privado" (SOLÀ-MORALES, 1992, apud FONTES, 2011, p. 303).

Figuras 11, 12 e 13: Dinâmica da rua Antônio de Souza



Fonte: autoria própria com fotos do acervo da Residência ATHIS-UFSC.

Assim como no restante do território, percebe-se problemas graves de infraestrutura urbana e o uso da rua para atividades variadas. Conforme registro do Google Earth (Figura 14), essa rua já sofreu com condições ainda mais precárias, com uma vala a céu aberto, que mostra a necessidade de instalação de travessias improvisadas para que os moradores pudessem acessar suas casas. Posteriormente, a vala foi canalizada, mas a rua continuou a ser de chão batido até a primeira metade de 2025, quando foi, finalmente, pavimentada (Figuras 15 e 16). De acordo com relatos dos moradores em caminhadas de aproximação com o território, o calçamento demorou cerca de três anos para ser executado e, por dificuldades financeiras, a viela no final da rua não foi incluída no projeto, continuando sem calçamento. Mesmo com a pavimentação, continuam os problemas de drenagem urbana e dificuldades de acesso regularizado à água encanada e energia elétrica, que não podem ser supridos por pequenas intervenções e demandam um investimento de projetos mais estruturados. Ainda, há acúmulo de materiais, devido aos pontos de reciclagem ali presentes, e constante trânsito de caminhões e carroças. Há também muitos animais pela rua, com a presença de cavalos, galinhas, gatos e cachorros que são reconhecidos pelos moradores vizinhos. Apesar da obra do leito carroçável, passeios, paisagismo e mobiliários urbanos não foram incluídos e se tornaram um trabalho da Residência ATHIS-UFSC.

Figuras 14, 15 e 16: Mudanças da Rua Antônio de Souza (2013, 2025 e 2025)



Fonte: Google Earth e acervo da Residência ATHIS-UFSC.

Mesmo com as problemáticas existentes, o uso da rua para brincar é algo intenso e garante a via como elemento de encontro importante na região. Isso acontece especialmente porque ali se situa o Projeto Freirinha (Figuras 17, 18 e 19), que atende crianças das imediações e oferece reforço escolar, alimentação, atividades extracurriculares, e amparo com conversas e escuta ativa. A iniciativa também se abre para encontros de diferentes projetos sociais e se fortalece como um verdadeiro centro de coletividade e de mobilização para os moradores. Pode-se, assim, caracterizá-lo como um lugar, por permitir a criação de vínculos saudáveis e uma relação de apego pelos usuários, com a presença de "Identidade pessoal, lembranças felizes, sensação de poder e controle, crescimento e estímulo intelectual [...] elementos que contribuem para a criação de um lugar em que alguém se sinta feliz em estar" (STEELE, 1981, apud LUZ, 2022, p. 33). Ainda, mesmo que seja um espaço privado, se apresenta como um local de apropriação coletiva, que, segundo Borden (2001), permite que os usuários se reconheçam nele e se crie uma "especialidade construída e aberta ao uso" (FONTES, 2011, p. 333). Dessa forma, o projeto se consolida como um elemento de extrema importância para a paisagem e memória local, ao criar a oportunidade de encontros entre locais.

Figuras 17, 18 e 19: Crianças no Projeto Freirinha



Fonte: autoria própria com fotos do acervo da Residência ATHIS-UFSC.

Assim, a Rua Antônio de Souza (Figura 20), especialmente onde fica o Projeto Freirinha, se afirma como um recorte que faz sentido à proposta. Como um ponto de convergência social, tanto pela localização e características morfológicas da rua quanto por construir um espaço coletivo tão acolhedor e convidativo aos moradores. Sua singularidade em meio ao contexto em que está inserida, com valorização da rua como local de encontro, convida à reflexão sobre a construção de espaços públicos e coletivos dentro da comunidade. Seu potencial de integração, especialmente com as crianças, abre possibilidades para valorizar a identidade local e construir uma narrativa do território a partir de quem o utiliza.

Figura 20: Mapa características Rua Antônio de Souza



Fonte: autoria própria conforme dados do acervo da Residência ATHIS-UFSC.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Por meio da aproximação com a comunidade Frei Damião, vê-se a possibilidade de uma proposta de intervenção temporária no local. Seu potencial é democratizar o acesso à arte e utilizar do trabalho prático como um instrumento de aproximação com os moradores. Busca-se ocupar a cidade, promover a discussão sobre os espaços públicos valorizar os entre-lugares como espaços de apropriação para os participantes.



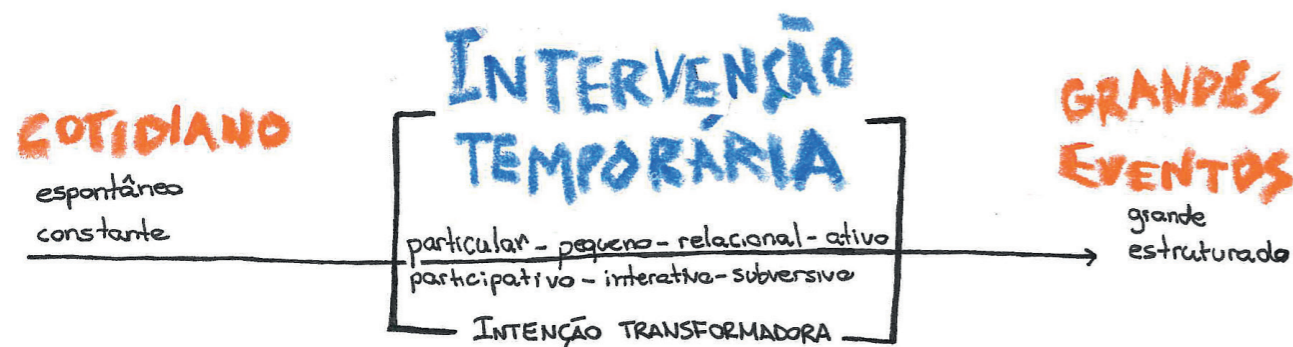
INTERVENÇÃO TEMPORÁRIA

As intervenções temporárias nos espaços coletivos configuram-se como uma proposta de ação no contexto urbano, com o objetivo de estimular a apropriação do local, o uso comunitário e o olhar mais atento para esses espaços. São “essencialmente” temporárias, por se diferenciarem de projetos maiores e de caráter permanente, e possuem maior facilidade de execução e possibilidade de modificação e/ou adaptação. Segundo Temel (2006 apud FONTES, 2011), diferem do que é efêmero porque, apesar da curta durabilidade, possuem uma intenção transformadora. Também não são provisórias, porque não surgem somente para acobertar um problema, atuando de forma particular e ativa sobre o local. Caracterizadas como ações de pequena escala, funcionam como “ferramentas de potencialização, revelando novas possibilidades dos espaços” (FONTES, 2011, p. 265). Em diálogo com o cotidiano, buscam celebrar as potencialidades existentes e incentivar o uso do espaço de forma coletiva, tornando a cidade um elemento vivo que interage com seus usuários. Jacques (2008) argumenta:

A cidade não só deixa de ser cenário, mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir outra forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade [...] (JACQUES, 2008, p. 1, apud FONTES, 2011, p. 312)

Assim, de acordo com Fontes (2011), as intervenções são constituídas por ações transitórias e transformadoras do espaços, que, mesmo sujeitas ao apagamento com o tempo, possuem grande potência e relação com o local, de modo a revalorizar e ocupar áreas residuais, como os entre-lugares. Pelo seu potencial de reverberação, podem contribuir para uma transformação comunitária de longo prazo. É também por meio da intenção de romper com a rotina, que busca alimentar a vitalidade na cidade, oferecendo “possibilidades de potencializar a amabilidade nos seus espaços coletivos, colaborando para refrear as forças do individualismo.” (FONTES, 2011, p. 312) (Figuras 21 e 22).

Figura 21: Esquema sobre o conceito de intervenção temporária



Fonte: autoria própria conforme dados de Fontes (2011).

De acordo com Fontes (2011), as intervenções temporárias são construídas por **7 dimensões**:

Particular: sua construção está diretamente vinculada ao cotidiano do local. Dessa forma, cada intervenção é única, pois estão ligadas às dinâmicas e condições singulares de cada contexto, se diferenciando de projetos universais de grande escala, atuando como um instrumento de ressignificação dos espaços.

Pequena: diferente dos grandes eventos e projetos em grande escala, as intervenções temporárias focam em pequenas ações com grande potencial de transformação local. São acessíveis, permitem a experimentação e convidam a interação e maior intimidade com os envolvidos.

Relacional: ancorada nas relações sociais, essa dimensão se conecta ao conceito de amabilidade urbana que será melhor definido posteriormente. Valoriza-se o diálogo, e a socialização tanto entre artistas e moradores, como entre as pessoas e o território. Ela “busca encontrar práticas antagônicas e livres à cidade controlada, disciplinada e excludente, associando criatividade à liberdade.” (FONTES, 2011, p. 273). Gehl (2015) afirma que é a partir da existência dessas relações que o local parece mais seguro, saudável e convidativo aos usuários.

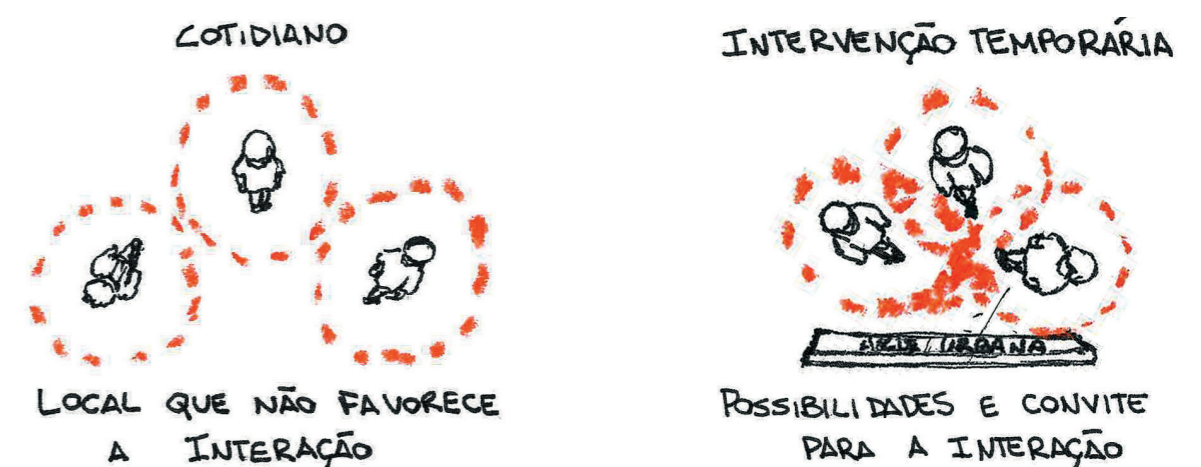
Ativa: a partir da quebra do cotidiano, as intervenções sugerem a interação com o espaço físico e entre as pessoas. Saem do campo da contemplação e estimulam a vivência coletiva e a movimentação da vida urbana. A cidade, ao se tornar “outro corpo”, proporciona novas experiências práticas e relação com o espaço.

Participativa: a construção se dá a partir de metodologias participativas que integram artistas e moradores locais, valorizando a importância da apropriação antes, durante e depois da execução. O cidadão como participante ativo da ação faz parte da transformação do espaço construído.

Interativa: “a intervenção só se completa no encontro com o outro” (FONTES, 2011, p. 271). Assim, a interação é parte essencial para que a intervenção ganhe sentido como obra viva e experiências compartilhadas. É no engajamento com os moradores que a apropriação se constrói e são criadas novas histórias no local (FONTES, 2011). Gehl (2010) complementa que são as relações sociais que fazem uma cidade viva. Sem as atividades de interação, nada acontece no espaço urbano.

Subversiva: com a intenção de movimentar o cotidiano e ir contra a posição de indiferença, atuam de modo a questionar a cidade, funcionando como resistência ao planejamento urbano convencional. Com formas lúdicas de uso do espaço, revelam contradições e potencialidades existentes no local.

Figura 22: Esquema do potencial de interação a partir da intervenção temporária



Fonte: autoria própria conforme dados de Fontes (2011).

INTERVENÇÃO TEMPORÁRIA DE ARTE PÚBLICA

“É possível pensar os MUROS e demais barreiras urbanas como espaços potenciais de apropriação? (NOBRE, 2017, p. 2)”

A proposta de intervenção temporária de arte pública apresenta-se como uma ação de apropriação do muro do Projeto Freirinha, que se coloca como um entre-lugar da Rua Antônio de Souza.

Sabe-se que os muros são elementos constituintes da cidade, e que sua existência é frequentemente associada à segregação e à insegurança. Entretanto, utilizá-los enquanto local de apropriação e ferramenta de comunicação e conexão com os moradores, vai além do olhar para o muro enquanto objeto, para conceder-lhe significado simbólico e utilizar do seu potencial valor de uso. Com base na teoria de Lefebvre (1999), devido ao baixo valor de troca dos entre-lugares, é estratégico utilizá-los como palcos de eventos para encontros e vivências, como através da intervenção de arte pública. Nobre (2017) reforça:

Fica, então, o desafio de explorar as potencialidades das barreiras, dos entre-lugares, dos espaços sem utilidade, como possibilidades de encontro; de usar o vazio gerado pelas barreiras como uma arma contra elas mesmas, fazendo com que o medo se torne segurança; a angústia, encontro, e à cidade seja devolvida sua mais que merecida característica de arte. (NOBRE, 2017, p. 8)

Dessa forma, “a principal estratégia para romper com a segregação imposta pelas barreiras urbanas é a apropriação destes espaços entre por meio da arte e da festa” (NOBRE, 2017, p. 6). Assim, utilizar da arte como um movimento que transforma subjetivamente a relação entre o sujeito e o local, promovendo reflexões sobre os ambientes públicos e o sentido de lugar a eles atribuído. É se aproximar do cotidiano por meio da expressão artística, capturar a atenção dos passantes e fazer o uso pleno das ruas, de modo a “elevar a potencialidade dos espaços entre rompendo com diversas formas de segregação urbana por meio da retomada do público, do questionamento do privado, do contato com o outro, da aceitação das diferenças e, por fim, da subversão do lazer retirando sua concentração no consumo e o deslocando para movimentos de arte e cultura.” (NOBRE, 2017, p. 7)

Além disso, inserir a arte em ambientes coletivos e contextos periféricos, é democratizar o acesso à cultura e valorizar a diversidade de opinião, como forma de negação à arte inacessível e elitista, disponível somente em museus e galerias fechadas, que mesmo com entrada gratuita, não são convidativas para todos os sujeitos da cidade (ZANON, 2018, apud RODRIGUES, 2024).

“eu acho que você estando na rua, você tem o poder bem grande de falar com todas as pessoas independente da classe social, independente da vida cultural que essa pessoa tem ou não [...] eu acho que é uma arma muito forte porque ela trabalha com imagem e a imagem é uma linguagem direta [...] você viu já entrou na sua mente e inconscientemente a mensagem vai entrar [...] acho que é muito forte a imagem na rua [...]”



Artista Nina, em Documentário Cidade Cinza

A proposta de intervenção artística, portanto, busca por meio de cores e formas, refletir e expressar visualmente sobre questões políticas, históricas e sociais do território (LARA, 1996, apud RODRIGUES, 2024). Complementar a isso, Pallamin (2002, apud FONTES, 2011) ressalta a capacidade transformadora da arte pública, de atribuir novos significados para o espaço e de comunicar pautas importantes que ultrapassam o caráter temporário da obra. Fontes (2011) afirma:

A intervenção de arte pública tem a potência de deixar marcas, reverberar, sendo um elemento transformador da paisagem que deixa marcas no espaço, desde um gradual processo de revitalização até transformações no campo mais “sensível”, através das novas imagens do bairro que se revelam para os moradores. (FONTES, 2011, p. 398)

Busca-se valorizar metodologias participativas, por meio de oficinas e trocas que aproximem os moradores e os deixem confortáveis para se expressarem coletivamente e de forma espontânea (SÃO PAULO, 2016, apud RODRIGUES, 2024). Assim, embora a obra carregue a identidade do artista que orienta a ação, busca-se a imersão no cotidiano para expressar temáticas “com e para” o local, a fim de destacar ações daquele momento presente através de trocas entre os envolvidos (PASTERNAK, 2010; CRESSWELL, 2004, apud LUZ, 2022; FONTES, 2011).

“o que me chamou a atenção de pintar na rua [...] foi de eu fazer uma arte na rua e as pessoas poderem ver aquilo ali[...] a partir do momento que eu ponho isso na rua já não é mais meu, já vira um bem público [...]”



Artista Nunca, em Documentário Cidade Cinza

Além disso, a prática revela questões subjetivas a partir da vivência e a sua interpretação é diferente para cada espectador. Vygotsky (1999), complementa:

A arte não é uma reprodução da realidade, já que ela transmite as emoções e os sentimentos do seu criador, por meio dos quais ele representa seu momento cultural, político, social e tecnológico. A arte expressa vivências, opiniões e perspectivas de um momento histórico específico, transmitindo ideias e conceitos complexos de uma forma acessível e impactante, podendo funcionar como uma fuga da realidade e um momento de distração, assim como estimular a reflexão e a introspecção, ajudando as pessoas a compreenderem seus próprios pensamentos e sentimentos (VYGOTSKY, 1999, apud RODRIGUES, 2024, p. 06).

Também é importante ressaltar, que a arte urbana é uma dimensão efêmera da proposta, enquanto a intervenção é transformadora a partir da ativação e apropriação do espaço público (FONTES, 2011). Entende-se a ação da pintura como a possibilidade de interação entre o objeto da intervenção, a artista e as pessoas que se aproximam. Assim, a arte urbana atua sobre o espaço físico e as relações sociais de forma significativa, consolidando-se como parte do conceito que será melhor apresentado a partir da execução da intervenção: a amabilidade urbana.

METODOLOGIA

Às vezes, o protagonismo cidadão é visto apenas como cumprimento de protocolo. Porém, quando ele é incluído nas prioridades do desenvolvimento urbano, os benefícios são concretos[...] (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2024, p. 48).

[...]as atividades de engajamento têm um papel transformador. Elas não apenas proporcionam um espaço para a expressão de ideias e opiniões, mas também desempenham um papel vital no desenvolvimento e fortalecimento das potencialidades individuais e coletivas da comunidade. (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2024, p.90).

Para a execução da proposta, busca-se a mobilização local por meio de ações participativas desde o planejamento até sua execução, onde os envolvidos, especialmente as crianças, se envolvam de maneira transformadora. Para isso, tem-se como base o Guia do Plano de Ação: Periferia Viva⁴ (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2024), que apresenta o papel do idealizador como aquele que fomenta a participação social, conduz o processo, organiza a implementação da intervenção e realiza a avaliação pós-execução. Também é enfatizada a importância de estimular a participação dos moradores como agentes ativos, que se posicionam, compartilham suas perspectivas e se apropriam da intervenção. Essa relação de confiança mútua e de construção coletiva é fundamental para a efetividade das atividades.

Há diferentes métodos capazes de promover a participação social e promover um processo atrativo aos envolvidos. Para a presente proposta optou-se pela realização de oficinas participativas para a etapa diagnóstica e projetual, com o levantamento de dados por meio do mapeamento afetivo, de caminhadas e escuta ativa e do uso do desenho como instrumento de comunicação, expressão e registro dos assuntos debatidos. Tais métodos valorizam o saber local e alcançam camadas que com uma leitura territorial de caráter mais técnico não é capaz de absorver (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2024). Busca-se uma proposta de trocas enriquecedoras para todos os envolvidos, com uma proposta comprometida com os dados obtidos. Para a etapa de execução do projeto foram também foram incorporadas oficinas práticas com maior foco na experiência vivida, buscando a criação de um espaço convidativo que fomenta a participação e interação entre os participantes em cada dia de atividade prática. Entende-se como um momento de vivências e trocas transformadoras que reverberam de forma mais subjetiva conforme a experiência de cada um. Essa valorização da troca de saberes como base da aproximação da realidade pode ser melhor compreendida pelo conceito de “síntese cultural”, apresentado por Freire (2018), que diferente da invasão cultural, todas as visões de mundo são consideradas de forma horizontal, capaz de promover trocas enriquecedoras e aprendizado mútuo. “Na síntese cultural, o educador não impõe sua visão do mundo, mas a oferece em diálogo com a visão do educando, buscando, juntos, a superação das contradições existentes na realidade”(FREIRE, 2018, p. 218).

Para reforçar essa construção coletiva e participação em todo o processo, utilizou-se como estratégia de engajamento a realização das oficinas nos mesmos dias em que o Projeto Freirinha atua com as crianças no território, conforme a permissão dos responsáveis e atuando sempre de forma complementar às demais ações do local. Em meio às programações do local, a participação ocorreu de forma espontânea e as crianças se aproximaram conforme a sua própria vontade.

Essa dinâmica contribui para a identificação das reais dificuldades e potencialidades locais, como também fortalece os vínculos com os envolvidos, aspectos importantes para a aplicação de um método democrático e convidativo para a participação. Como destaca o Plano de Ação do Ministério das Cidades (2024):

Estabelecer canais de comunicação direta entre o técnico e a população local é fundamental para que esta participe no processo do planejamento da estratégia de ação. Espaços seguros e inclusivos permitem o compartilhamento de ideias, a criação de laços significativos e a identificação de desafios e oportunidades, o que promove a superação coletiva dos obstáculos à participação (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2024).

Com a proposta metodológica definida, o trabalho segue em duas etapas marcantes:

Momento prático: realização de oficinas e caminhadas que auxiliam na discussão sobre cidade e a construção do mural para a intervenção.

Proposta de intervenção: execução do mural junto com os moradores que demonstraram interesse em participar.



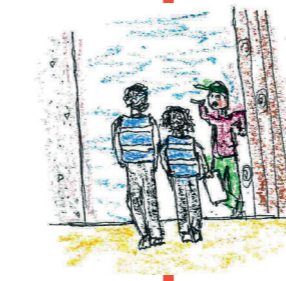
OFICINA 01

- 13 de Maio de 2025;
- 9 crianças;
- 📍 Projeto Freirinha.



INTERVENÇÃO DIA 01

- 12 de Julho de 2025;
- 30 crianças;
- 📍 Rua Antônio de Souza.



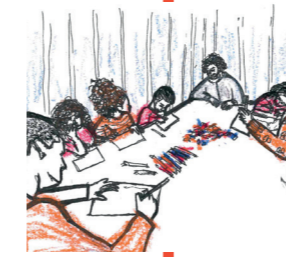
CAMINHADA 01

- Mês de Maio;
- 04 dias de deriva;
- 📍 Frei Damião.



INTERVENÇÃO DIA 02

- 15 de Julho de 2025;
- 10 crianças;
- 📍 Rua Antônio de Souza.



OFICINA 02

- 02 de Junho de 2025;
- 06 crianças;
- 📍 Projeto Freirinha.



INTERVENÇÃO DIA 03

- 16 de Julho de 2025;
- 03 crianças;
- 📍 Rua Antônio de Souza.



CAMINHADA 02

- 19 de Junho de 2025;
- 01 dia de deriva;
- 📍 Frei Damião.



INTERVENÇÃO DIA 04

- 14 de Agosto de 2025;
- 10 crianças;
- 📍 Rua Antônio de Souza.



OFICINA 03

- 30 de Junho de 2025;
- 17 crianças;
- 📍 Projeto Freirinha.



INTERVENÇÃO DIA 05

- 16 de Setembro de 2025;
- 13 crianças;
- 📍 Projeto Freirinha.

MOMENTO PRÁTICO


Com o apoio da Residência ATHIS-UFSC, foram realizadas 03 oficinas no território, a fim de explorar o imaginário dos participantes sobre como poderiam ser os espaços públicos a partir da perspectiva das crianças, utilizando o desenho e a conversa com perguntas disparadoras como meio de comunicação e de levantamento de informações sobre o local. Paralelamente a isso, também foram realizadas 05 caminhadas em outras partes do território, com o objetivo de observar as dinâmicas do cotidiano e obter perspectivas de outros moradores.



OFICINA 01: A RUA DOS SEUS SONHOS

A primeira oficina de desenho dos espaços públicos, realizada em cooperação com a Residência ATHIS-UFSC, aconteceu durante a tarde da terça-feira (13/05) no Projeto da Freirinha e contou com a participação ativa de 9 crianças. Teve como intuito iniciar uma aproximação com os usuários da Rua Antônio de Souza, entendendo esse local como representante de atividades que se repetem por outras partes do território. A oficina se colocou como o início da criação de vínculos, reconhecimento e compreensão da identidade local.

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA: Terça-feira (13/05) das 10h às 16h

 No dia da primeira oficina caminhamos durante a manhã para falar com as pessoas e perceber as ruas da comunidade bastante movimentadas, cenas fortes, ruas trancadas e acontecimentos diferentes do habitual. Ao chegar na rua Antonio de Souza tudo se acalma, há uma recepção convidativa e acolhedora ali. Conhecemos um morador da rua que com muito orgulho fala sobre a comunidade e nos encoraja a continuar com o trabalho ali almejado. Ao meio dia as vias principais da Frei se enchem de vida, muita conversa, música, movimentação e brincadeiras. As crianças e adolescentes estão voltando da escola, o trânsito é basicamente de pedestres e bicicletas. Chega 13h as vias da comunidade tomam outro caráter, a rua virou um local inseguro, alguns se fecham em suas casas enquanto outros saem para olhar e entender o que está acontecendo. Os foguetes comunicam, é uma organização muito clara. Na Freirinha, as crianças brincam, nem sabem o que pode estar acontecendo, este espaço de refúgio as acolhe e cria um momento especial em meio ao desconforto presente na comunidade. Elas não precisam ver nada, um espaço como o Projeto da Freirinha as protege e as alimenta do que é necessário. A história contada e o mapeamento afetivo relembram os potenciais do local onde vivem e criam o reconhecimento do território. Desenhar a rua dos seus sonhos incentiva a imaginar o seu futuro e a pensar em coletividade.

MOMENTO PRÁTICO

Para introduzir o debate sobre a comunidade, a dinâmica se dividiu em 3 etapas: contação de história sobre a Frei Damião, mapeamento afetivo e desenho dos espaços públicos. O primeiro momento foi a contação de história, atuada pela ex-residente, Susan Oliveira, que representou uma historiadora que estuda a Frei Damião, a "Damiana". Por meio de uma interação lúdica que apresenta dados históricos sobre a comunidade. Esse foi um momento importante de apresentação do grupo que compõe a Residência ATHIS-UFSC para as crianças (Figuras 23 e 24). A partir desta troca bastante dinâmica, foi possível reconhecer o que faz fronteira com a comunidade como o canal do Peixe e o rio Imaruí, bem como a localização do morro da Pedra Branca, que é bastante marcante na paisagem e visível a partir da própria rua. Também foi falado sobre há quanto tempo as crianças e suas famílias moram ali e os lugares que moravam antes de migrar para a região.

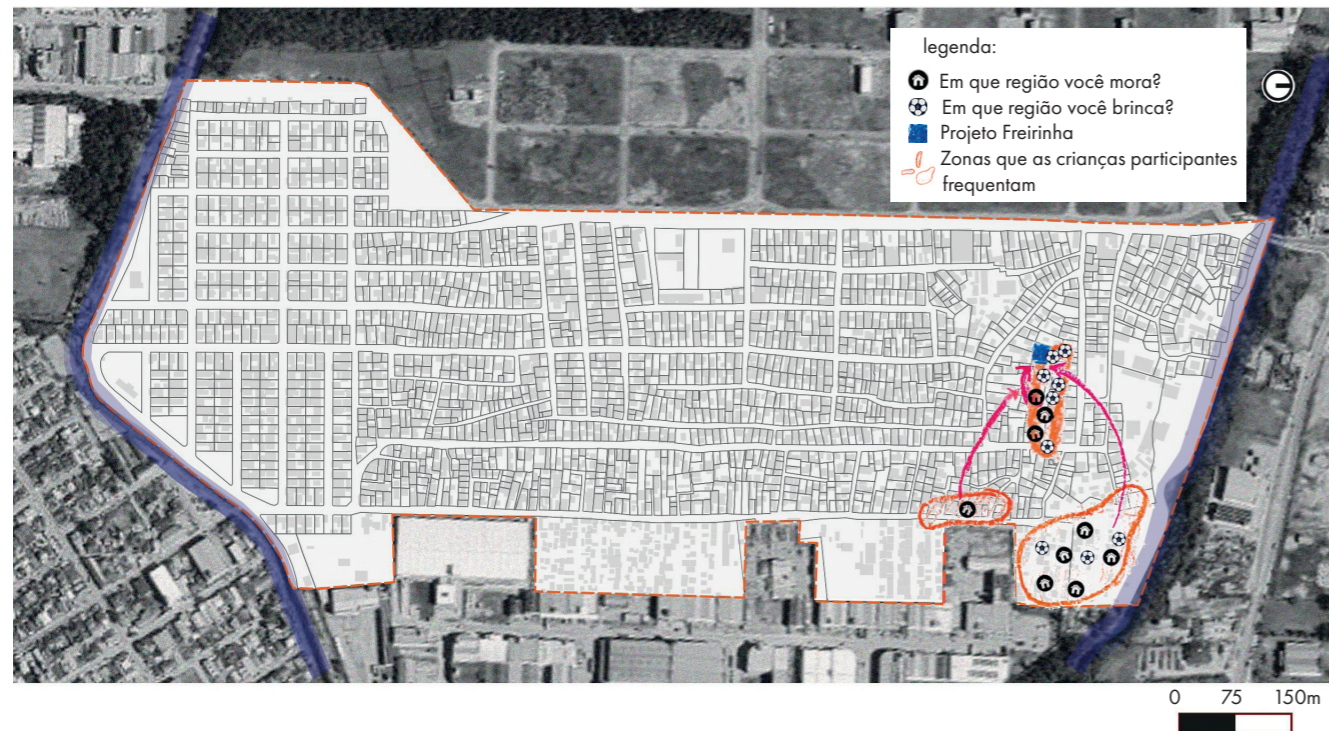
Figuras 23 e 24: Momento de contação de história



Fonte: acervo da Residência ATHIS-UFSC.

A atividade de mapeamento afetivo contou com a participação ativa de 9 crianças e aconteceu com o auxílio de uma maquete representando as ruas e pontos reconhecidos da comunidade, junto de adesivos para serem colados nela. Estes adesivos com figuras intuitivas de casas e brincadeiras foram inseridos pelas crianças junto dos monitores da Residência ATHIS-UFSC para entender em que região do território as crianças participantes moram, do que brincam e onde brincam na comunidade (Figura 25).

Figura 25: Mapeamento afetivo



Fonte: autoria própria conforme dados do acervo da Residência ATHIS-UFSC.

A partir da análise das respostas, foi possível visualizar os locais que o Projeto da Freirinha alcança, com destaque à Ocupação Elza Soares, que é a área de grande vulnerabilidade socioambiental e sofre muito com a ineficiência da infraestrutura urbana. Além disso, o resultado mostrou as instituições como o Projeto Freirinha e as ruas são importantes espaços coletivos de lazer, e relatos sobre a preferência por brincadeiras em grupo e ao ar livre, como jogar bola, brincar de esconde-esconde, andar de balanço, andar de bicicleta e soltar pipa. As respostas obtidas fortaleceram a relevância da ação naquele recorte como um agente multiplicador de ações. Mostrou também como as atividades e trocas poderão atingir moradores de áreas menos estruturadas do território, bem como auxiliarão a entender as dinâmicas dos espaços públicos e de lazer a partir da perspectiva dos seus usuários, especialmente as crianças.

A terceira atividade de desenho dos espaços públicos, contou com a participação ativa de 5 crianças e teve como foco principal entender como o espaço público e coletivo é visto a partir da perspectiva dos moradores. Foi desenvolvida com base nas oficinas realizadas pela ONU-HABITAT em Pernambuco, que pode ser melhor compreendido em ONU, 2022, p.11 e 12. O foco foi o diagnóstico qualitativo do território por meio de metodologias participativas e do desenho dos espaços públicos em conjunto com o seu público-alvo, que busca repensar as cidades com um olhar mais social, sustentável e inclusivo. A atividade buscou explorar a imaginação e convidar a compartilhar livremente seus desejos e impressões sobre como pode ser a transformação local. Assim, para a dinâmica acontecer, os participantes ficaram dispostos ao redor de uma mesa que permitia trocas mais próximas e livre compartilhamento de ideias com o incentivo dos monitores para responder a pergunta:

COMO É A RUA DOS SEUS SONHOS?

RETRATOS DOS PARTICIPANTES COM OS RESULTADOS DA OFICINA 01



Fonte: autoria própria.

RESULTADOS OFICINA 01

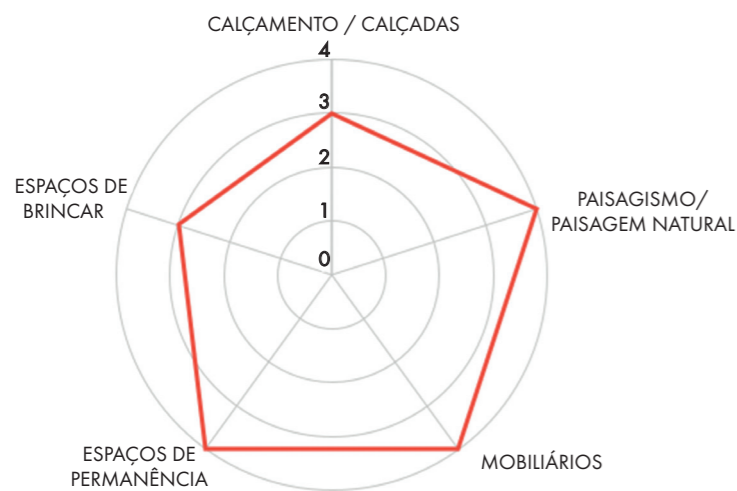
A partir da oficina 01, foi realizada a leitura do material produzido conforme impressão pessoal sobre os desenhos e trocas obtidos:



LEITURA DO PROCESSO

A discussão durou cerca de 01 hora e 30 minutos e as crianças tiveram maior interação apenas com os monitores que estavam lhes auxiliando. A proposta permitiu trabalhos bastante criativos e tamanha familiaridade das crianças com o desenho, com a argila e com os blocos de madeira que serviram de suporte para a representação. A partir dos produtos finais vê-se que apesar do incentivo para imaginar e a liberdade de criação, a maioria dos trabalhos representam ruas a partir das suas vivências com representações da própria rua Antônio de Souza, vias para os carros e suas moradias. Contudo, os elementos são expressivos e demonstram intenções claras de qualificação dos espaços. É marcante em todos os trabalhos a presença de paisagismo e locais de permanência espaçosos que permitem brincadeiras e aventuras, locais de descanso e a presença de uma infraestrutura urbana adequada, como por exemplo a representação de ciclovias, da caixa d'água e dos parquinhos de brincar (Figuras 26 e 27).

Figura 26: Diagrama de infraestrutura urbana



Fonte: autoria própria.

Figura 27: Brincadeiras na comunidade



Fonte: autoria própria.

CAMINHADAS PÓS OFICINA 01

As caminhadas realizadas no território após a primeira oficina aconteceram em cooperação com a Residência ATHIS-UFSC para a aplicação do Censo Frei. Foram 4 dias de aproximação com o local que permitiram o contato direto com a população, e buscar compreender a visão sobre os espaços públicos e coletivos, as condições de moradia e de infraestrutura urbana. Por meio da presença no território, também foi possível entender algumas dinâmicas do cotidiano ali presentes, como o fluxo dos automóveis, dinâmicas entre os moradores e horários de maior uso do espaço público.

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA - Quarta-feira (14/05) das 10h às 12h

👁️ Percebe-se muitos jovens e crianças brincando e caminhando pelas ruas. A interação entre os moradores é algo muito presente. Os donos de empreendimentos comerciais são bastante receptivos, mantêm contato com a vizinhança e parecem ter uma relação diferente com a rua. Com as portas de seus estabelecimentos abertas para a comunidade, buscam uma rua atrativa que movimenta o comércio local. As placas dos locais, em sua maioria pintadas a mão, são chamativas e mostram uma identidade marcante da comunidade.

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA - Sábado (17/05) das 10h às 12h

👁️ Há som alto, muitas obras em execução, e ainda mais crianças brincando pela comunidade que acusam a chegada do final de semana. Nas ruas há maior fluxo de bicicletas, motos e pessoas o tempo todo. Os comércios estão movimentados e potencializam a interação nos entre-lugares. Nas conversas com os moradores a queixa sobre a falta de pavimentação das vielas e becos é constante. Comentam sobre os problemas que a falta de infraestrutura gera, com desconfortos nas moradias devido ao acúmulo de poeira, poças d'água e falta de acessibilidade nas suas residências. Uma senhora comenta sobre a presença marcante de crianças que brincam de soltar pipa na rua. Aponta os pontos positivos de ocupar as ruas, mas também relata sobre os problemas gerados pela falta de espaços adequados para brincar e a constante falta de luz na rua devido às pipas que se prendem nos fios de iluminação.

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA - Segunda-feira (19/05) das 10h às 16h

👁️ Há fumaça em todo o território e uma neblina que arde os olhos. Durante a manhã tem maior movimento de crianças, muitos carros e pouco fluxo de bicicletas. Crianças brincam de pipa na rua e percebo cenas destas se prendendo aos fios de iluminação. Como está garoando, poucas pessoas estão nas varandas ou usando a rua como extensão da sua casa. Um morador da comunidade há mais de 30 anos, relata sobre os problemas cotidianos de dificuldade de acesso aos equipamentos públicos. Relata sobre a urgência de qualificar os espaços públicos para além das vias principais e olhar para os becos e vielas.

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA - Terça-feira (24/05) das 17h às 18h

👁️ No final da tarde as ruas são muito ocupadas. Há pessoas jogando bola, correndo e soltando pipa em grupos de todas as idades. Os carros e as pessoas se misturam nas ruas, as cores do pôr do sol criam um ambiente aconchegante. Muitas pessoas voltando para casa, muitas pessoas indo para a rua interagir.

Com as trocas obtidas, foram identificadas dinâmicas que se repetem pelo território (Figuras 28 e 29).

Figura 28: Diagrama de infraestrutura urbana



Fonte: autoria própria.

Figura 29: Brincadeiras na comunidade




Fonte: autoria própria.



OFICINA 02: A RUA DOS SEUS SONHOS

A segunda oficina de desenho dos espaços públicos, realizada em cooperação com a Residência ATHIS-UFSC, aconteceu durante a tarde de uma segunda-feira no Projeto da Freirinha e contou com a participação ativa de 6 crianças. Teve como intuito continuar a aproximação com a realidade local, estabelecer ainda mais trocas com os participantes e aprofundar a discussão sobre o espaço público, como ele é entendido e utilizado no dia-dia da comunidade.

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA - Segunda-feira (02/06) das 10h às 17h

 As crianças foram muito prestativas e respeitosas com as atividades propostas. Sempre muito participativas, demonstraram habilidades manuais e certo domínio de proporção e escalas de representação. Há um olhar e cuidado pelos menores, uma dinâmica de coletividade muito grande entre elas. As adolescentes demonstram maturidade e tomam a frente de questões que aparecem, são prestativas e relatam com facilidade o que lhes incomodam ou lhes chamam atenção de forma positiva. Os mais velhos engajam mais em atividades manuais e que demandam atenção e dedicação. Enquanto algumas crianças dispersam e brincam no balanço, correm e brincam no quintal, outras ficam imersas nas atividades propostas.

MOMENTO PRÁTICO

O processo continuou com o foco na Rua Antônio de Souza como representante da realidade local. Fundamentada nos métodos de oficinas da ONU-HABITAT (2022), as crianças experimentaram já com a base da atividade anterior, a possibilidade de refletir sobre o espaço público como um local para brincadeiras e vivências. Isso continuou com o incentivo a liberdade de expressão e debate sobre a cidade. Dessa vez, com o objetivo de focar ainda mais no brincar, a dinâmica aconteceu a partir da pergunta norteadora:

COMO SERIA UMA RUA LEGAL PARA BRINCAR?

Para fomentar a ação, foram criadas duas propostas base com desenhos para serem completados pelas crianças. O primeiro desenho, com uma vista em perspectiva composto por fachadas e elementos associados a rua Antônio de Souza foi feito para que as crianças pudessem remeter ao seu cotidiano e lembrar do que costumam brincar quando frequentam o local. Na busca de maior engajamento e tentativa de cultivar a imaginação para espaços diferentes, foi incluído junto ao desenho um personagem muito comentado pelas crianças na atividade anterior (Figura 30). A partir de percepção com relação a facilidade de compreensão e localização das crianças em mapas surgiu a proposta do segundo desenho com a planta baixa da Rua Antônio de Souza (Figura 31). Ambas as propostas possuem vazios para a criação dos participantes e são instruídos tendo o Projeto da Freirinha como ponto de referência.

Figuras 30 e 31: Material de suporte para a oficina 02



Fonte: acervo da Residência ATHIS-UFSC.



RESULTADOS OFICINA 02

A partir da oficina 02, foi realizada a leitura do material produzido conforme impressão pessoal sobre os desenhos e trocas obtidos:



LEITURA DO PROCESSO

A discussão durou cerca de 01 hora e a disposição em roda com apenas 2 monitores para todo o grupo facilitou o compartilhamento das vivências de forma mais coletiva. Com relação à adesão de atividade, percebeu-se que a proposta 01 com a rua em perspectiva obteve maior engajamento e alguns desenhos foram construídos com referência na história do personagem, com cenas e seres do imaginário das crianças. Já a proposta 02, embora tenha sido facilmente entendida pelo grupo, dificultou a representação das respostas devido ao ângulo da imagem. De modo geral, os elementos de apoio auxiliaram na condução da discussão sobre a Rua Antônio de Souza podendo ou não ter direcionado algumas respostas e intenções.

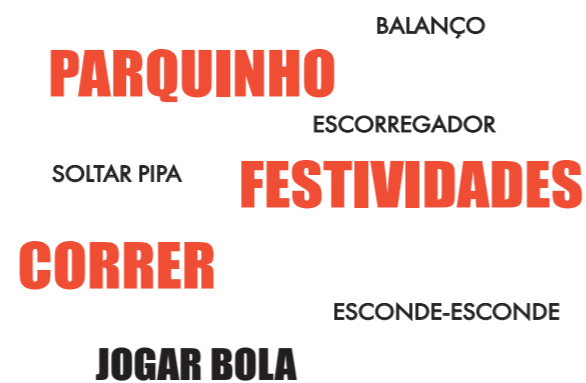
Com relação aos resultados da oficina, vê-se que a compreensão da rua para brincar se dá a partir da infraestrutura urbana adequada e espaços de permanência convidativos com a presença de árvores grandes que criam sombra, canteiros e hortas (Figura 32). Os espaços de permanência se mostraram essenciais, sendo eles separados como os parquinhos ou que utilizam a própria rua como local de encontro. Muitas crianças também comentaram do que gostam de brincar na rua, relatando dinâmicas que demandam espaços amplos para correr como esconde-esconde, soltar pipa, jogar bola e andar de bicicleta (Figura 33). Também foram relatadas preocupações com segurança, com desenhos de casas cercadas e a presença de "monstros" na rua.

Figura 32: Diagrama infraestrutura urbana



Fonte: autoria própria.

Figura 33: Brincadeiras na comunidade



Fonte: autoria própria.

CAMINHADAS PÓS OFICINA 02

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA - Terça-feira (19/06) das 10h às 16:30h

Pela manhã um dia ensolarado, nas vias principais muitas pessoas com bicicleta. Adultos, idosos, crianças e adolescentes transitando pela comunidade. Nas vielas há pouco movimento. Os moradores são receptivos e todos se conhecem. Relatam que simpatizam com os vizinhos e sempre se ajudam. Há muito cuidado com os outros. Há pessoas com dificuldade de locomoção, por deficiência física ou baixa mobilidade e que não conseguem circular pela comunidade. As vias não são calçadas nem acessíveis. Os comércios e equipamentos de lazer e saúde são distantes. Uma mãe de 3 crianças e de 2 adolescentes relata que as praças apesar de serem bem equipadas não são agradáveis para as crianças. Além de ficarem longe da casa, são ocupadas por adolescentes ociosos que intimidam os mais novos. As praças são um local de encontro para os adolescentes mas ao mesmo tempo não proporcionam um lazer de qualidade. O que restam são as ruas, especialmente as vielas que possuem menos movimento para as crianças brincarem. A tarde no Projeto da Freirinha vê-se potencial das vielas na prática. As crianças brincam empolgadas e com muita energia. Cantam, correm, conversam, cuidam uns dos outros, tudo ao mesmo tempo. Os adolescentes conduzem cantigas e brincadeiras com o grupo.

ESTUDOS PARA O MURAL PÓS ETAPA DE OFICINAS E CAMINHADAS 01 E 02

Com todo esse processo de oficinas e vivências no território, iniciou-se a parte de elaboração da arte para a intervenção. Ao ver as crianças como o maior contato obtido, foi imprescindível dar protagonismo à elas e evidenciar a sua presença nos espaços públicos e o olhar para a rua local de maior interação. Buscou-se valorizar as cenas desse cotidiano, mostrar o brincar como forma de existir nos espaços coletivos e trazer a essência do movimento e energia experienciada. Dessa forma, o primeiro estudo para o mural teve como referência a análise das oficinas, as memórias das vivências no local, o uso de referências fotográficas produzidas durante as ações e trabalhos de artistas com temáticas que coincidem com este trabalho (Figura 34).

Figura 34: Estudos para a proposta do mural.



Fonte: autoria própria.


Tais estudos trazem o início de uma síntese para entender o que é identificado como um fator importante para ser retratado no mural. As imagens das crianças foram utilizadas como referência para a criação, entretanto, foi uma decisão da proposta a representação do que é coletivo, de cenas do cotidiano presentes em diferentes partes do território. Assim, são retratados corpos em movimento que não possuem rostos definidos, sem dar protagonismo para uma única criança ou evidenciando uma personalidade local. Assim, com isso pré-definido, foi elaborada a terceira oficina no território: O mural das brincadeiras.



OFICINA 03: O MURAL DAS BRINCADEIRAS

A terceira oficina teve como foco o processo de criação da intervenção temporária de arte pública. Realizada em cooperação com a Residência ATHIS-UFSC, a oficina aconteceu durante a tarde de uma segunda-feira no Projeto da Freirinha e contou com a participação ativa de 17 crianças, sendo 6 delas crianças que participaram de ações anteriores. A proposta foi a criação da arte para o mural com as crianças da Frei Damião a fim de criar momentos para promover a participação projetual das crianças para o mural.

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA - Segunda-feira (30/06) das 14h às 16:30h

 Há uma festa junina no Projeto da Freirinha que cria um clima convidativo com músicas e comidas temáticas, junto das crianças entusiasmadas e vestidas a caráter para a festa. A terceira oficina acontece em meio a este ambiente e as crianças se aproximam para participar de forma espontânea como se esta fosse mais uma brincadeira desse dia especial. Começo a ação inseguro pela falta de adesão ao primeiro rascunho mas logo que o cartaz é colocado na mesa a proposta com os vazios convidam as crianças a desenharem com facilidade. Os primeiros são Vinícius e Anthony. Observaram de longe e tomaram coragem para serem os primeiros a participar. Vinicius fez uma releitura do menino empinando pipa enquanto conversavam comigo sobre suas estratégias de soltar pipa e nomenclaturas utilizadas. Anthony demorou para intervir de fato, percebi nele o receio e a cobrança em fazer um desenho satisfatório para expor ali. Depois de idas e vindas ele pediu auxílio para desenhar um menino empinando pipa mas logo desistiu e com todo cuidado fez o desenho de uma pipa rica em detalhes nas cores verde e amarelo. Larissa também se aproximou da atividade, com um pouco de vergonha foi olhando os outros até fazer o desenho de uma pipa tão bonita que as outras crianças passam a usar como referência no restante da atividade. Empolgada com a ação busca em sua casa uma pasta cheia de desenhos autorais. Foi nesse momento que conheci uma das primeiras artistas da comunidade após tanto tempo buscando contato. Felipe que não engajou com a atividade na minha primeira tentativa mas nessa proposta rapidamente desenhou o que tinha em mente e fez um menino empinando pipa em cima de uma laje. O que mais chama atenção é que independente do que brincam, vê-se uma energia contagiante, um movimento e barulho constante das crianças reunidas para brincar no Projeto da Freirinha.

MOMENTO PRÁTICO

A proposta de oficina aconteceu em dois momentos. A primeira tentativa de engajamento com um desenho inacabado (Figura 35) que não gerou interação pelas crianças. E a segunda tentativa, com a arte com aspecto finalizado para chamar a atenção das crianças, colada em uma cartolina vazia, para que pudessem ter espaços livres para suas próprias criações (Figura 36). De forma complementar a atividade, também foi elaborado um mural de palavras que remetem às crianças, elementos que poderiam ser inseridos na arte para o mural da intervenção.

Figuras 35 e 36: Material de apoio para a oficina 03



Fonte: autoria própria.

RESULTADOS OFICINA 03

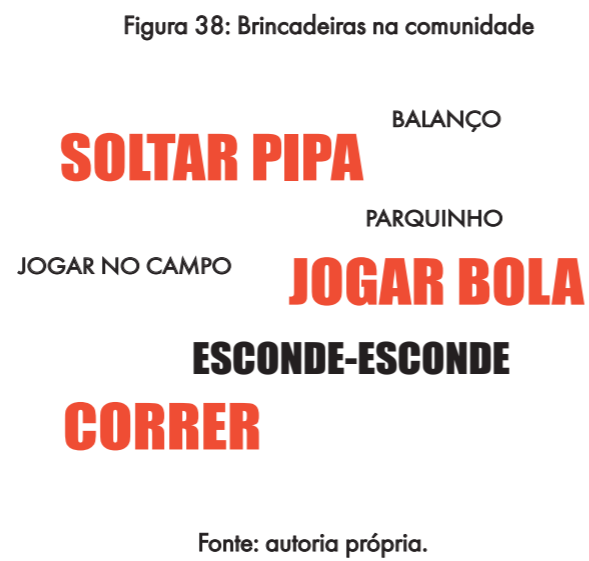
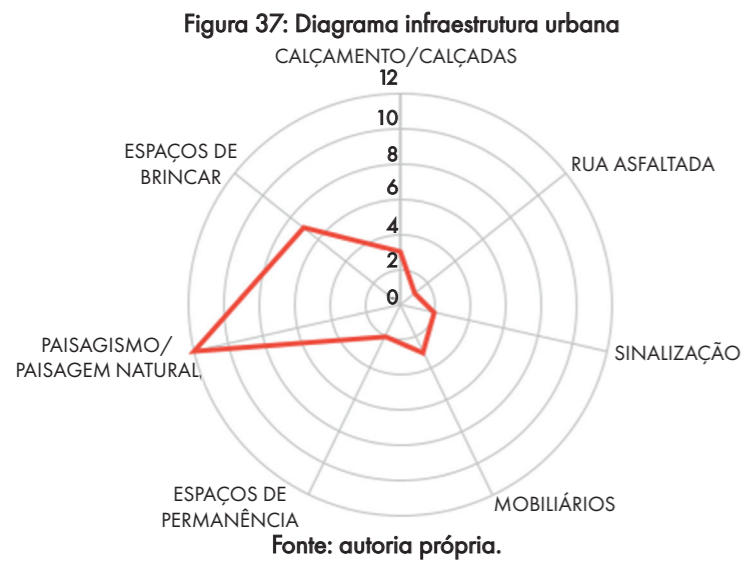
A partir da oficina 03, foi realizada a leitura do material produzido conforme impressão pessoal sobre os desenhos e trocas obtidos:



LEITURA DO PROCESSO

A atividade durou cerca de 02 horas e foi a oficina com maior engajamento até então. A atividade desenvolveu-se de forma espontânea e despertou um engajamento maior do que o esperado. As crianças demonstraram receptividade em compartilhar e dialogar sobre as brincadeiras que costumam acontecer na rua e o que no primeiro desenho proposto elas compactuavam ou não. Isso possibilitou ao grupo imaginar novas propostas de brincadeiras, como esconde-esconde, balanço e brincar com boneca e, ao mesmo tempo, enriqueceu as ideias já existentes com imagens que mostravam detalhes, com pipas de formas, cores e estampas diferentes, a contextualização de lugares onde costumam soltar pipa - como em cima das lajes das casas - o uso da carretilha para enrolar ou desenrolar a linha da pipa, e até mesmo ilustrações de pipas que se enrolam nos fios de luz e compõem a paisagem local. A proximidade com a pipa mostrou que mesmo aqueles que não costumavam participar dessa brincadeira, a reconheciam como algo muito presente na comunidade e sabiam falar sobre ela a partir de vivências com amigos e familiares próximos. Diferente do primeiro desenho proposto, foi possível perceber contrastes nas cores utilizadas com a presença de tons de verde e azul, como também a presença de inúmeras representações de paisagem natural com árvores, borboletas, flores e grande gramados.

A atividade do mural de palavras-chave, orientada pela pergunta: “que arte você faria nas paredes da comunidade?” destacou a importância da paisagem natural, contextualização da infraestrutura urbana e a necessidade de um projeto que revelasse a energia do que é o brincar na rua. Assim, os principais elementos retirados da oficina 03 foram diretamente relacionados à diversidade das brincadeiras, contextualização da paisagem e adição de elementos que trazem vitalidade à obra (Figura 37 e 38).

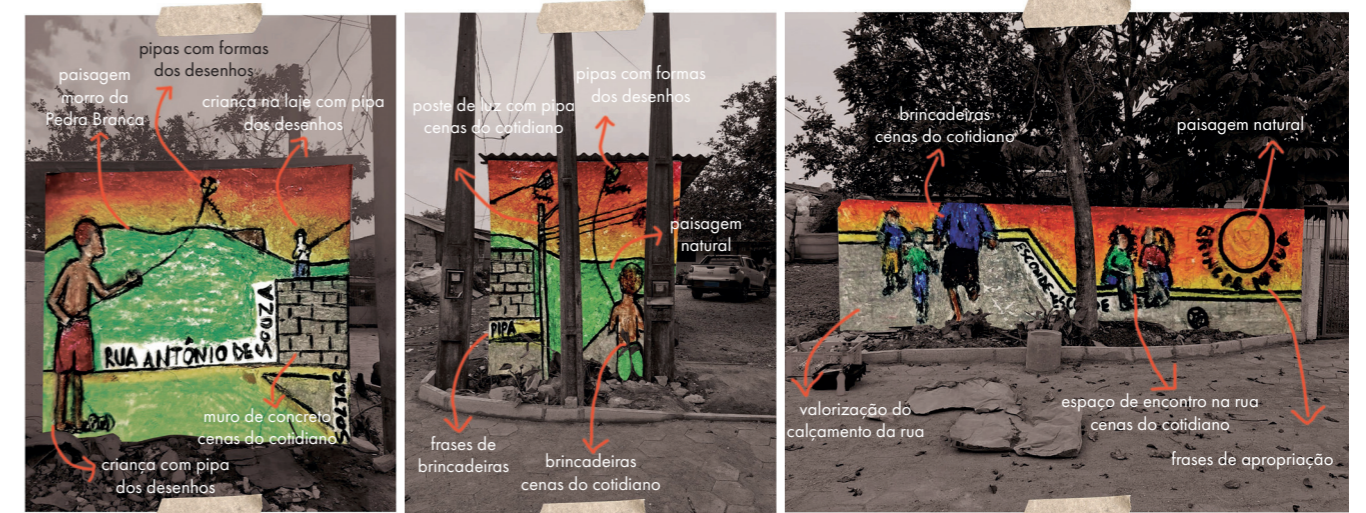


ANÁLISE TRANSVERSAL DAS OFICINAS E PROPOSTA PARA O MURAL

As oficinas e caminhadas realizadas no território evidenciaram a presença marcante das crianças nas ruas da comunidade, assim como a necessidade de qualificar esses espaços para que sejam mais adequados ao brincar. É marcante a demanda por equipamentos públicos adequados e melhores condições de segurança, sobretudo devido ao fluxo constante de carros nos espaços onde as crianças brincam. Observou-se que a infraestrutura urbana é um problema cotidiano e as crianças percebem tal carência ao mencionar em todas as atividades realizadas questões sobre rua asfaltada, calçadas, paisagismo/paisagem natural, espaços para brincar, sinalização, mobiliários e espaços de permanência.

Diante disso, para o aprimoramento da proposta do mural, após a análise conjunta das oficinas, optou-se por criar uma composição com os elementos citados nas atividades anteriores, evidenciando as potencialidades locais. Buscou-se dar protagonismo às brincadeiras como o elemento que traz vitalidade para os espaços públicos, o calçamento símbolo da importância de uma infraestrutura urbana adequada e o poste de luz com pipas para ilustrar a intensa convergência de atividades nos espaços públicos da comunidade. Complementar a isso, a oficina 03 enriqueceu ainda mais a proposta, ao trazer a presença de vegetação na paisagem, novas brincadeiras e pipas com formas e cores diferentes, elementos que foram incorporados ao mural (Figuras 39, 40 e 41).

Figuras 39, 40 e 41: Proposta para o mural artístico



Fonte: autoria própria.

Com a proposta finalizada e o apoio da Residência ATHIS-UFSC, iniciou-se a busca por apoio para a obtenção de materiais necessários para a execução da atividade. Para isso, foi elaborado um ofício (Anexo 01 e 02), que foi compartilhado com inúmeras lojas de tinta e de materiais de construção da região metropolitana de Florianópolis. Tal movimento resultou no apoio da Loja Patamar Tintas e do Instituto Pedra Branca, ambos localizados no município de Palhoça-SC. Devido a falta de recursos, esse auxílio foi primordial para viabilizar a intervenção, especialmente diante das limitações de recursos financeiros.



DIAS DE INTERVENÇÃO


Com o apoio da Residência ATHIS-UFSC, foram realizadas 05 dias de intervenção no território, a fim de se aproximar do conceito de amabilidade urbana na prática ao ocupar a cidade. As atividades não tiveram uma preparação profunda, compreendendo o espontâneo como a parte de maior valor da ação.



EXECUÇÃO DO MURAL ARTÍSTICO

Os dias de execução da intervenção tiveram como objetivo colocar em prática os conceitos apresentados sobre a intervenção temporária de arte pública, ocupar a cidade e perceber como a amabilidade urbana acontece na experiência vivida. Realizada em cooperação com a Residência ATHIS-UFSC, aconteceram 5 oficinas entre os meses de Julho e Setembro, onde em média 50 crianças participaram em algum momento da ação, sendo algumas delas participantes das oficinas anteriores. A proposta foi a execução do mural artístico no muro do Projeto Freirinha, criando um espaço convidativo, onde os moradores se aproximavam de forma espontânea.

RELATO PESSOAL DA VIVÊNCIA - 12/07 - 15/07 - 16/07 - 14/08 - 16/09

 Os 5 dias de intervenção foram intensos e marcantes. Desde o começo, na preparação do muro, muitas crianças já se aproximaram e demonstraram muito interesse em colocar a mão na massa. Muitas crianças e alguns adolescentes passaram pelos dias de atividade e interagiram de forma espontânea e na medida que se sentiam a vontade. Muitas se mostraram tão confortáveis quanto em qualquer ação que eu já tenha experienciado durante a minha trajetória acadêmica, foi uma troca muito única e que fortaleceu em mim a importância dos processos participativos. A arte se mostrou como uma ferramenta potente de aproximação das pessoas e de abertura para o diálogo e trocas enriquecedoras. Nessa atividade, onde se fez possível compreender o conceito de amabilidade urbana na prática, mostrando a grandeza das interações nos espaços públicos e coletivos da comunidade e a importância da desaceleração da dinâmica urbana com a proposição de um evento em meio às rotinas do local. Cada dia da ação foi único, com diferentes formas de aproximação, sendo alguns dias com maior ou menor engajamento, que trouxeram novas percepções sobre o local e proporcionaram a criação de vínculos com as crianças e moradores locais. Ver a pintura tomando forma através de um processo de participação intensa, onde além das crianças e adolescentes, os adultos também foram se aproximando aos poucos, permitiu que novas trocas surgissem e conversas acontecessem somente devido à intervenção como um intermediário de interação.

INTERVENÇÃO DIA 01 - FESTA JULINA DA RUA ANTÔNIO DE SOUZA

O primeiro dia de intervenção ocorreu durante o evento organizado pela Residência ATHIS-UFSC, no qual foi realizada uma Festa Julina no dia 12 de Julho de 2025, na Rua Antônio de Souza, que contou com a participação de aproximadamente 50 crianças. Parte delas colaboraram nas oficinas anteriores, enquanto outras se aproximaram pela primeira vez, convidadas pela movimentação do evento no local. Com o intuito de receber o maior número possível de moradores, foram distribuídos panfletos para as crianças do Projeto Freirinha e para moradores de diferentes partes do território, especialmente da Ocupação Elza Soares, convidando a todos para a festividade (Anexo 03). A atividade iniciou pela manhã, com a passagem da arte para o muro do Projeto Freirinha por meio da técnica de "grid orgânico", aprendida na prática em vivências de encontros de arte urbana (Figura 42). A decisão por deixar formas desenhadas para receber as crianças durante a tarde, partiu do compromisso em desenvolver um trabalho coletivo coerente com os resultados e percepções obtidos nas oficinas e caminhadas realizadas anteriormente. Dessa forma, mesmo as crianças que não participaram dessas etapas, puderam compreender o objetivo e os elementos que surgiram ao longo desse processo. A proposta também se deu devido à responsabilidade em compartilhar conhecimentos técnicos sobre arte urbana e formas de executar um mural em grande escala com crianças que nunca acessaram tal experiência. Essa relação entre saber técnico e saberes populares fundamenta-se nos conceitos freireanos de troca de saberes em que "O saber técnico-científico do educador se completa no saber da experiência feito pelo educando, num exercício em que ambos se tornam sujeitos do processo educativo." (FREIRE, 2018, p. 225).

Figura 42: Crianças no Projeto Freirinha



Fonte: autoria própria.

Durante a tarde, com o início das atividades, as crianças já estavam prontas esperando seu momento de pintar e fazer parte da construção do mural. Esse momento a intervenção temporária de arte urbana se configurou como transformadora ao romper com o cotidiano e ocupar a cidade. A partir das vivências, observou-se a rua como um lugar-evento, com possibilidades para a interação entre pessoas e o espaço físico. A intervenção executada em um local com potencial de sensibilização e conexão, é capaz de promover o que Fontes (2011) nomeia como “amabilidade urbana”:

Amabilidade pode ser considerada um atributo do espaço, manifestada através de conexões, encontros, intercâmbios, cumplicidades e interações entre pessoas e espaço, reagindo ao individualismo, que muitas vezes caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas (FONTES, 2011, p.24).

Como o próprio nome indica, a amabilidade pressupõe a generosidade e o cuidado com o outro, que no contexto urbano vai de embate com o individualismo e a aceleração da sociedade contemporânea, criando espaços de desaceleração e de apropriação dos espaços públicos e coletivos da cidade (FONTES, 2011). Dessa forma, a amabilidade urbana acontece a partir da presença de três requisitos:

Dimensão física: um espaço atrativo para a permanência.

Dimensão social: a presença de pessoas que interagem entre si ou com o espaço.

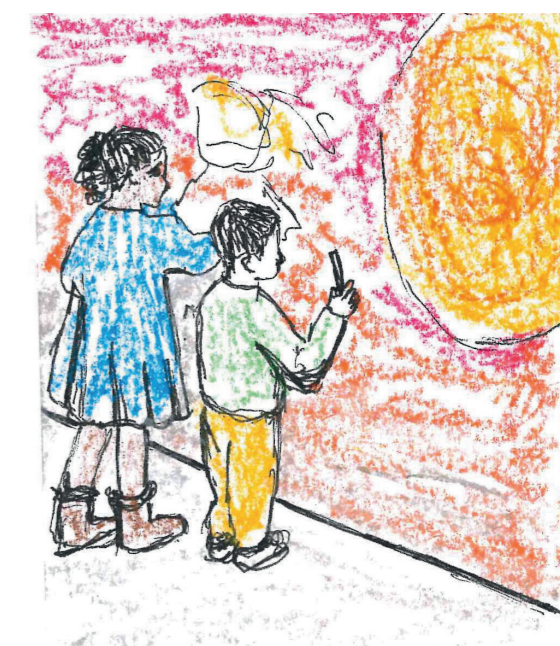
Dimensão temporal: a conexão e apropriação do local que pode surgir a partir de uma intervenção temporária.

Tais atribuições, que conformam o conceito de amabilidade urbana, são percebidas em diferentes momentos durante a execução da intervenção. Assim, para melhor visualização de cada acontecimento em cada dia, as ações foram divididas em 04 categorias de momentos amáveis: 01) Apropriação criativa do espaço; 02) Tempo de contemplação e conexão com o espaço; 03) Encontros e relações interpessoais e 04) Aprendizado técnico e olhar crítico.

01) APROPRIAÇÃO CRIATIVA DO ESPAÇO

Muitas crianças participaram ativamente na escolha das cores para a execução dos personagens da pintura. Nesse momento, uma participante optou pela cor azul para representar a vestimenta, enquanto a outra escolhe a cor vermelha para a camiseta da mesma personagem (Figuras 43e 44).

Figuras 43 e 44: Crianças escolhendo cores da pintura



Fonte: autoria própria.

02) TEMPO DE CONTEMPLAÇÃO E CONEXÃO COM O ESPAÇO

Enquanto algumas crianças se apropriaram da ação e escolheram as cores, outras tiveram momentos de maior introspecção. Mesmo sem efetuar trocas verbais, se mostraram bastante atentas à atividade e apresentavam muito cuidado para pintar dentro dos espaços delimitados e cores sugeridas pelos demais (Figuras 45, 46 e 47).

Figuras 45, 46 e 47: Participação de outras crianças



Fonte: autoria própria e acervo da Residência ATHIS-UFSC.

Algumas crianças observavam com calma todos os materiais de preparação. Participam da preparação das tintas e dominam quais cores estão disponíveis para a atividade. Uma delas, que possui interesse em arte, analisa os materiais e demonstra muito interesse em cada processo (Figuras 48 e 49).

Figuras 48 e 49: Etapa com atenção maior aos preparos



Fonte: autoria própria.

03) ENCONTROS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Muitas crianças demonstraram facilidade em trabalhar coletivamente e se organizaram naturalmente. Foi perceptível a criação de um espaço de colaboração, especialmente àquelas que já se conheciam por conta de atividades anteriores realizadas no Projeto Freirinha e conviverem diariamente na comunidade (Figuras 50 e 51).

Figuras 50 e 51: Pintura em duplas



Fonte: autoria própria e acervo da Residência ATHIS-UFSC.

Com a Festa Julina, pela primeira vez algumas crianças moradoras da Rua Antônio de Souza se aproximaram do Projeto Freirinha e do trabalho realizado pela Residência ATHIS-UFSC. Esse foi um momento importante de início da criação de vínculos com os moradores para o incentivo para a participação em futuras ações no local (Figuras 52 e 53).

Figuras 52 e 53: Participação de crianças moradoras da rua



Fonte: autoria própria e acervo da Residência ATHIS-UFSC.

04) APRENDIZADO TÉCNICO E OLHAR CRÍTICO

A participante adolescente, que já possui proximidade com desenhos demonstra maior facilidade de interpretação da arte e avança para técnicas de pintura com sobreposição de cores e degradê de cores para criar o fundo de pôr do sol (Figuras 54 e 55).

Figuras 54 e 55: Pintura em degradê



Fonte: autoria própria.

INTERVENÇÃO DIA 02 - terça-feira (15/07 10h - 16:30h)

O segundo dia de intervenção aconteceu no dia 15 de Julho de 2025, na Rua Antônio de Souza, e contou com a participação de aproximadamente 10 crianças. Todas elas já haviam colaborado em pelo menos uma oficina anterior e se aproximaram de forma espontânea na medida que chegavam da escola e iam até o local. A ação aconteceu sem muito planejamento em um dia normal de atividades do Projeto Freirinha, tomando todo o cuidado para não atrapalhar as atividades organizadas para aquele dia. A atividade iniciou pela manhã e durou a tarde inteira, com crianças que ora se aproximavam e ora partiam para as aulas do Projeto. Foi um dia mais calmo sem outras programações da Residência ATHIS-UFSC, onde foi possível ter interações mais próximas devido ao menor número de participantes.

01) APROPRIAÇÃO CRIATIVA DO ESPAÇO

Observou-se formas de apropriação da pintura com diferentes estampas nas camisetas em formas de coração, carinhas feliz e flores. Essa forma de intervenção é muito significativa porque permite que as crianças façam desenhos mais livres e ainda assim se mantenha a ideia geral da proposta do mural (Figuras 56 e 57).

Figuras 56 e 57: Pinturas espontâneas



Fonte: autoria própria.

É realizado um momento de assinatura das crianças para que todas aquelas que participaram pudessem deixar marcado os seus nomes no mural como forma de valorização do seu trabalho e tempo dedicado (Figuras 58 e 59).

Figuras 58 e 59: Assinaturas das crianças participantes

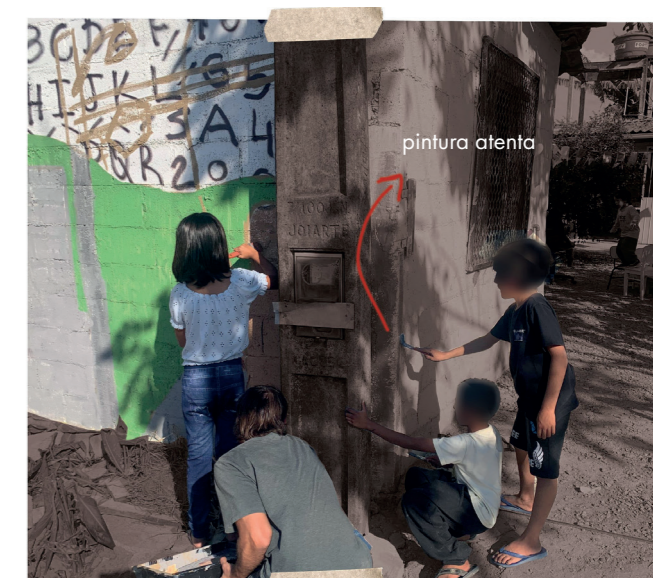


Fonte: autoria própria.

02) TEMPO DE CONTEMPLAÇÃO E CONEXÃO COM O ESPAÇO

Ao participar da preparação das tintas para a pintura, algumas crianças observam os processos e se apropriam da organização inicial. Com tamanho engajamento, passam a dominar quais são as cores disponíveis e têm mais noção para escolher na hora da parte prática (Figuras 60 e 61).

Figuras 60 e 61: Preparação do material



Fonte: autoria própria.

03) ENCONTROS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Leila, idealizadora do Projeto Freirinha, ao ver a intervenção tomando forma afirma o quanto esta ação irá marcar a nossa passagem na rua com as crianças. Afirma que será um legado que ficará em suas memórias e que promoverá maior cuidado com o espaço (Figura 62).

Figura 62: Interação com a idealizadora do Projeto Freirinha



Fonte: autoria própria.

04) APRENDIZADO TÉCNICO E OLHAR CRÍTICO

Com a possibilidade de dar mais atenção para cada criança, foi possível ensinar técnicas de pintura para sombrear com mais de uma cor e fazê-las ter um olhar mais crítico sobre a pintura. Alguns participantes foram cobrindo os espaços em branco e completando formas com maior cuidado e atenção. Começaram a ter mais noção de quantidade de tinta para não se sujar e nem manchar o mural (Figuras 63 e 64).

Figuras 63 e 64: Noção de uso da tinta



Fonte: autoria própria.

Um participante questiona “porque o céu não é azul?” e compara com o que estávamos vendo na vida real. A partir disso algumas crianças entram em consenso de que o céu ficaria muito interessante na cor azul e tentamos conciliar a ideia com a parte que já estava pronta. Fazemos um degradê que vai modificando o laranja do pôr do sol para um céu completamente azul no final do mural (Figuras 65 e 66).

Figuras 65 e 66: Participação com trocas e olhar crítico



Fonte: autoria própria.

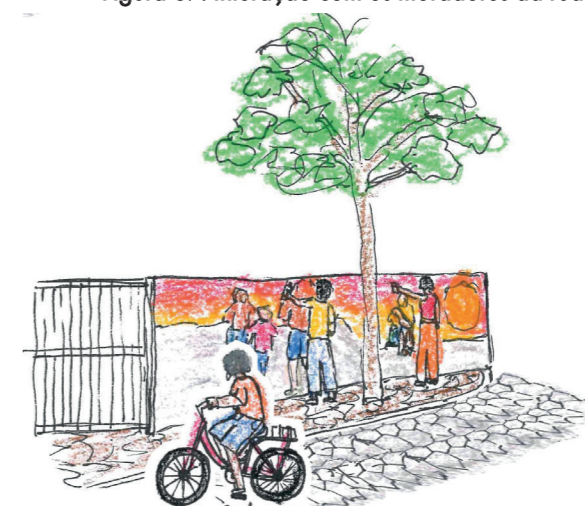
INTERVENÇÃO DIA 03 - quarta-feira (16/07 10h - 16:30h)

O terceiro dia de intervenção aconteceu no dia 16 de Julho de 2025, na Rua Antônio de Souza, e contou com a participação de aproximadamente 03 crianças que haviam colaborado em pelo menos uma oficina anterior, somado a algumas trocas com moradores adultos e trabalhadores locais. A ação aconteceu sem muito planejamento, em um dia que a rua estava em processo de pavimentação. Após alguns dias imersos no local, nos tornamos figurantes pela primeira vez e foi possível observar a dinâmica da rua em dias comuns.

01) TEMPO DE CONTEMPLAÇÃO E CONEXÃO COM O ESPAÇO

Nesse dia os moradores utilizam a rua e interagem entre si de forma confortável e descontraída. Foi o dia de mais natural interação entre a intervenção e os moradores. As moradoras da casa em frente ao mural começam a olhar com mais confiança para o nosso trabalho como Residência ATHIS-UFSC e passaram a abrir o diálogo com o grupo a partir da pintura do mural (Figura 67).

Figura 67: Interação com os moradores da rua



Fonte: autoria própria.

Alguns moradores e trabalhadores chegaram, olharam sem interagir e iam embora. Outros puxaram assunto, falaram sobre a pintura e o que esperavam dela. Também vieram pequenos grupos próximos à intervenção e interagiam entre si enquanto contemplavam o trabalho sendo executado (Figura 68).

Figura 68: Interação indireta com usuários da rua



Fonte: autoria própria.

02) ENCONTROS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Dentre uma dessas aproximações conversei com o seu Chico, morador da Frei Damião. A intervenção permitiu a conversa mais espontânea que já tive na comunidade, falar sobre o passado, a cidade onde nasci que é a mesma que a dele, reconhecer os pontos turísticos do interior e lembrar de como chegar neles pelas estradas alternativas que só quem morou lá saberia. A conversa alternava entre o que ele achava da pintura e o assunto anterior (Figura 69).

Figura 69: Interação com trabalhador local



Fonte: autoria própria.

Também passou pela intervenção o morador da rua que também é artista e pintou a fachada de sua Residência ATHIS-UFSC. Ele se aproximou e agradeceu pela atividade, reforçou que toda arte deve ser respeitada visto que tudo sempre possui algum significado. Com uma passagem rápida demonstrou fortalecimento pela melhoria da rua e desejou sucesso para a sua finalização (Figura 70).

Figura 70: Intervenção dia 01



Fonte: autoria própria.

No final da tarde outros trabalhadores da rua foram até a intervenção e destacaram dificuldade de ver a pintura do sol pelo fundo com tons parecidos. Dessa forma o sol foi alterado com o intuito de iluminar ainda mais e trazer maior visibilidade para aquele elemento. Depois disso, os trabalhadores ficaram interagindo entre si enquanto observaram o trabalho sendo realizado (Figura 71).

Figura 71: Interação com trabalhadores locais



Fonte: autoria própria.

INTERVENÇÃO DIA 04 - quinta-feira (14/08 14h - 16:30h)

O quarto dia de intervenção aconteceu no dia 14 de Agosto de 2025, na Rua Antônio de Souza, e contou com a participação de aproximadamente 10 crianças. O dia está ensolarado e com bastante vento, a comunidade está movimentada e há muito barulho o tempo inteiro. Não é um dia de atividades para as crianças no Projeto Freirinha, mas as crianças aparecem mesmo assim. É um dia mais calmo, com interações de diferentes grupos durante a tarde.

01) APROPRIAÇÃO CRIATIVA DO ESPAÇO

No final do dia aparecem outras crianças e a atividade vira uma interação intensa com elas. Muitas assinam seus nomes e demonstram empolgação com a liberdade de escrever e ver seus nomes na parede com sua própria fonte. Há uma brincadeira de bola com todas as crianças na rua e a atividade é interrompida com o limite de horário de trabalho. As crianças compartilham o seu anseio pela próxima ação (Figuras 72 e 73).

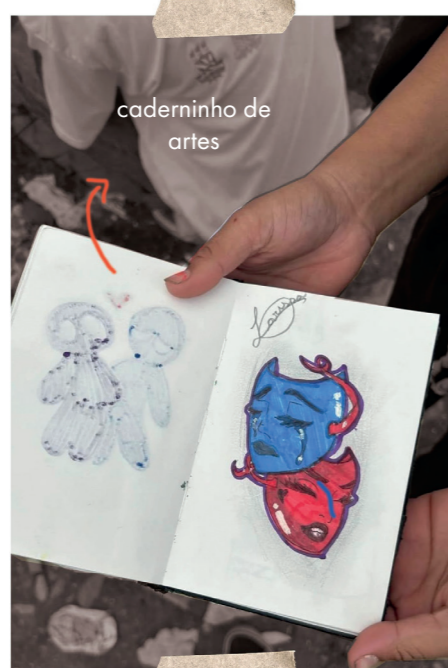
Figuras 72 e 73: Interações no final do dia



Fonte: autoria própria.

Chegam algumas crianças que já nos conhecem e a adolescente que já tem proximidade com desenhos mostra o seu caderninho de artes lotado de ilustrações em todas as páginas. É muito interessante observar como pessoas que estão envolvidas com esses trabalhos engajam e mostram seu trabalho de forma espontânea, se revelando artistas locais que em outros contextos não apareceriam (Figura 74).

Figura 74: Caderninho de artes de moradora da comunidade

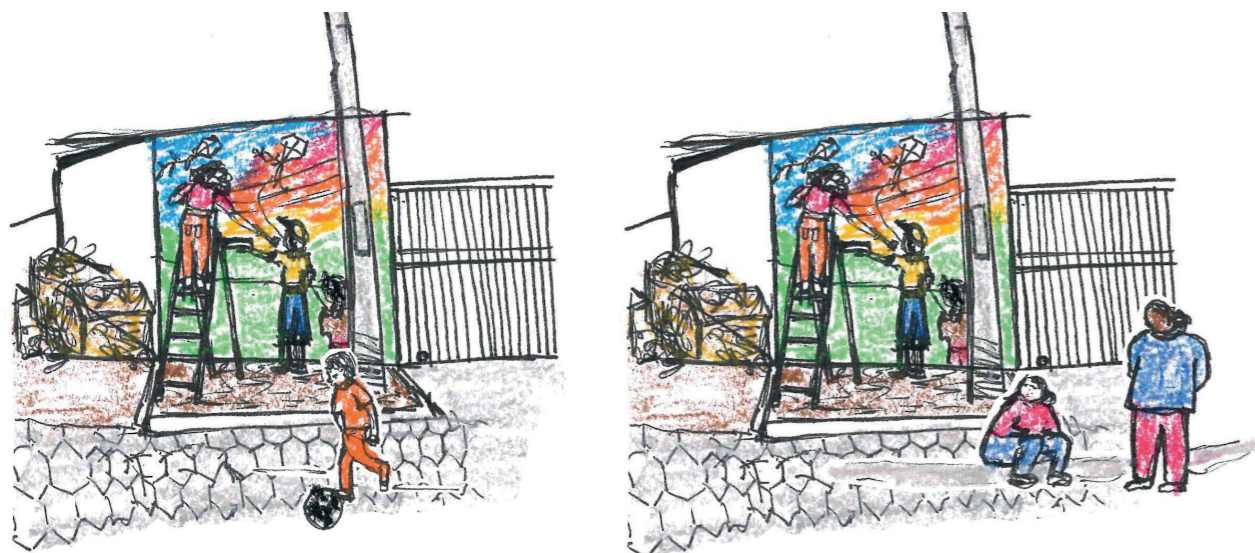


Fonte: autoria própria.

02) TEMPO DE CONTEMPLAÇÃO E CONEXÃO COM O ESPAÇO

Ao começar a execução da pintura no muro em frente à viela uma criança moradora circula com atenção ao redor enquanto brinca com sua bola. Sem interagir verbalmente mas com olhar atento para a atividade mostra-se curiosa com as tintas e pincéis que estão por ali espalhados. Nesse mesmo momento algumas pessoas iniciam uma fila em frente ao mural para uma atividade do Projeto Freirinha e interagem pontualmente (Figuras 75 e 76).

Figuras 75 e 76: Interações indiretas com a intervenção



Fonte: autoria própria.

03) ENCONTROS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Ao esperar na fila que se criou para a atividade no Projeto Freirinha, se aproxima com tamanha curiosidade uma moradora da Ocupação Elza Soares. Nos pergunta sobre o nosso trabalho na comunidade e incentiva a continuação das ações no território. Com tamanha simpatia pergunta sobre o que o mural representa. Em seguida conta um pouco da sua história, compartilha suas vivências e desafios em morar em uma Ocupação e a esperança em garantir melhores condições de vida para o seu filho (Figura 77).

Figura 77: Interação com moradora da Ocupação Elza Soares



Fonte: autoria própria.

INTERVENÇÃO DIA 05 - quinta-feira (16/09 10h - 17h)

Passado 01 mês desde o último dia de intervenção, o sol aparece e acontece o último dia de prática. Foi no dia 16 de Setembro de 2025, na Rua Antônio de Souza, e contou com a participação de aproximadamente 13 crianças que haviam colaborado em oficinas anteriores. Com a mesma dinâmica de aproximações espontâneas teve uma criança moradora da rua que teve uma participação especial com muito engajamento e empolgação. Foi um fechamento de atividade com interação e trocas transformadoras, onde se tornou nítido os vínculos criados durante todo o processo. Recebemos presentes e trocas valiosas que levam à reflexão sobre a importância da amabilidade urbana nos espaços coletivos da cidade.

01) APROPRIAÇÃO CRIATIVA DO ESPAÇO

Uma criança moradora da rua que sempre se faz presente está muito empolgada passa a procurar novos elementos da rua que podem contribuir com o mural. Diz ter uma ideia genial e propõe a pintura de um galo na parede. Decidimos no coletivo que essa é uma ótima ideia e o fazemos em cima dos blocos de concreto assim como percebemos na vida real (Figuras 78 e 79).

Figuras 78 e 79: Nova intervenção no mural



Fonte: autoria própria.

Durante o processo de execução da intervenção nos deparamos com uma intervenção de algumas crianças na pintura. Essa forma de interação me colocou em um dilema de como reagir à intervenção. A primeira reflexão foi sobre a liberdade de apropriação por parte das crianças, que abriu possibilidades como essa. Como contraponto, relembro dos aprendizados das vivências na rua onde se deve respeitar a arte de outros artistas que ocupam os espaços públicos e coletivos da cidade. Assim sendo, como forma de experimentação, opto por resgatar a essência do desenho com o rosto das crianças sem rasuras, mas ainda deixando as marcas de mãozinha ao redor onde não interfere o que aquela arte representa (Figuras 80, 81 e 82).

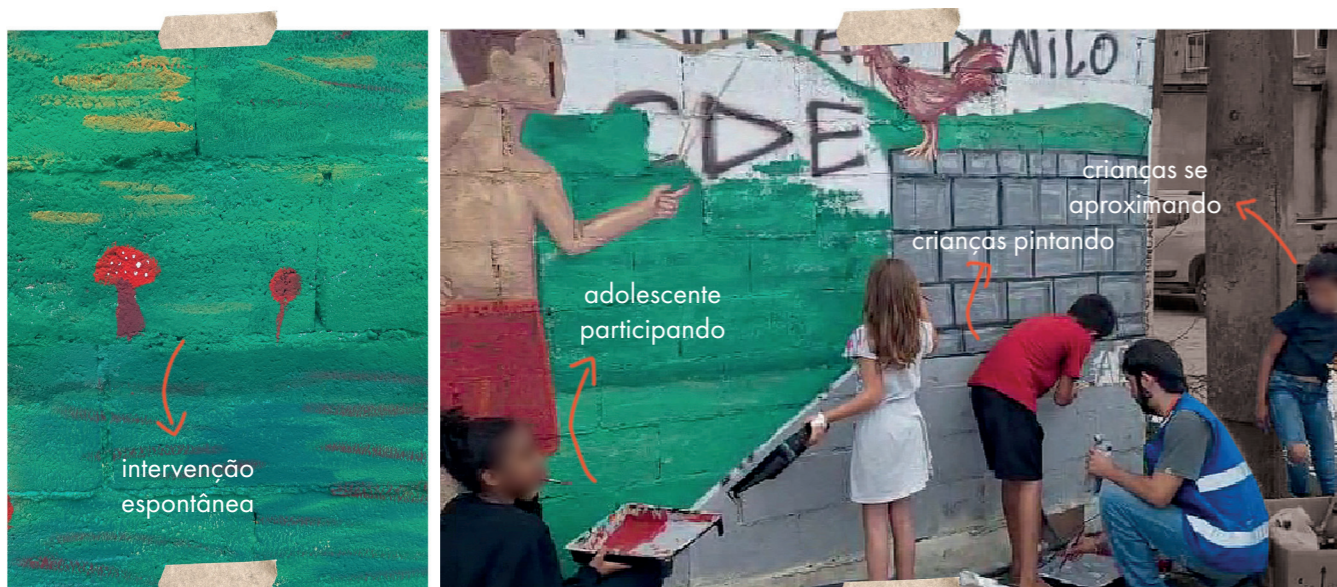
Figuras 80, 81 e 82: Intervenção das crianças no mural



Fonte: autoria própria.

O restante da tarde foi tomado por muitas crianças indo e vindo, interagindo de formas diferentes com a atividade devido à empolgação houve bastante dificuldade de fazê-las seguir as instruções de como pintar e não se sujar. Aquele participante que deu a ideia do galo fica muito feliz com a sua ideia na parede e pede para complementar com mais umas flores no gramado. Todos estão imersos na brincadeira de construir o mural e novas crianças se aproximam (Figuras 83 e 84).

Figuras 83 e 84: Intervenção espontânea e apropriação



Fonte: autoria própria.

02) TEMPO DE CONTEMPLAÇÃO E CONEXÃO COM O ESPAÇO

Uma criança moradora da rua participa da pintura do mural por um tempo, mas pelo cansaço de ficar com os braços erguidos decide parar. Ainda assim, continua empolgada com a ideia de pintar e vai até sua casa buscar um caderninho de desenho para fazer sua arte em meio ao grupo. Fica ali conversando conosco enquanto faz aquarelas que em seguida nos presenteia. Ela relata sobre sua felicidade em ter a gente ali pintando para fazer companhia e brincar com ela. A pintura nos permitiu criar momentos de afeto com as crianças e passamos o tempo de forma leve e descontraída (Figuras 85 e 86).

Figuras 85 e 86: Criação de momentos de tempo de qualidade



Fonte: autoria própria.

03) ENCONTROS E RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Nesse dia as crianças estão muito felizes e nos presenteiam com suas artes. Vão até suas casas e buscam artes que fizeram em um outro momento, desenhos muito autênticos com figuras de animais em pontilhismo, desenhos realistas com técnicas de luz e sombra e diferentes texturas (Figuras 87, 88 e 89).

Figuras 87, 88 e 89: Pinturas e presentes das crianças



Fonte: autoria própria.

04) APRENDIZADO TÉCNICO E OLHAR CRÍTICO

Uma criança tenta fazer sombreados e explora a mistura das cores na parede para criar novas cores. Uma adolescente que se aproximou pela primeira vez engaja na ação por muito tempo, explora as formas e se interessa em aprender técnicas de sobreado para fazer o *shorts* do personagem que empina a pipa. Outra criança enquanto pinta comenta sobre o quanto gosta de desenhar e que era o seu sonho poder pintar um desenho em uma parede tão grande (Figuras 90 e 91).

Figuras 90 e 91: Pintura com observação dos processos



Fonte: autoria própria.

Assim, compreende-se que a amabilidade urbana é fruto da experiência vivida e compartilhada manifestada nas múltiplas formas de interação presentes na ação. A intervenção temporária evidencia as potencialidades do território, ao incentivar a ocupação dos espaços públicos, funcionando como um convite para a comunidade usufruir da cidade como um local que é seu por direito. Nesse processo, a arte urbana construída coletivamente configura-se como um instrumento de comunicação e transformação social, que transforma os muros em espaços de expressão coletiva. Essa dinâmica fortalece os vínculos entre todos os envolvidos, contribuindo para a criação de espaços mais amáveis e abertos à interação.

REFLEXÕES FINAIS

ANÁLISE DO PROCESSO

Em uma intervenção temporária de pequena escala, identificar as potencialidades e as lacunas existentes ao longo do percurso é fundamental para o aprimoramento da ação e aumentar as chances de acerto ao projetar ações mais estruturadas para o local (FONTES, 2011). De forma geral, observou-se que a arte, enquanto instrumento de comunicação, favoreceu o compartilhamento de experiências técnicas e práticas entre os envolvidos. Além disso, foi possível perceber que o processo participativo acontece com níveis diferentes de engajamento em cada etapa. Contudo, essa variação não diminui a qualidade do processo, mas exemplifica um projeto de natureza prática e experimental.

O primeiro momento de aproximação configurou-se como a etapa de participação diagnóstica. Nessa fase, foram levantados dados por meio da escuta ativa, de diálogos com perguntas disparadoras, além de caminhadas e derivações pelo território, que permitiram identificar cenas, temas e símbolos locais. Esses processos evidenciaram a perspectiva dos moradores, especialmente as crianças, e direcionaram o andamento das ações posteriores. Essa aproximação constitui a base norteadora da proposta de intervenção, garantindo que a obra não fosse uma narrativa imposta de fora para dentro, mas que fosse construída coletivamente ao longo das próprias atividades.

A etapa seguinte de desenvolvimento da arte para o mural, configurou-se como o momento de participação projetual. Esse foi o período de sistematização dos dados levantados nas oficinas anteriores e a partir dos conceitos freireanos de síntese cultural, unificar as informações em uma proposta de arte adequada para o muro da intervenção. Aqui, a participação é compreendida como a abertura ao fazer artístico aliado ao constante diálogo, onde o técnico assume o papel de sintetizar as informações e repassar de uma forma clara e didática.

Na etapa de execução a participação foi prática. As crianças interagiram diretamente com a experiência tátil. Com maior direcionamento, derivado das etapas diagnóstica e projetual, a participação aconteceu ao ocupar o espaço, interagir e “colocar a mão na massa”. Compreende-se nesse momento, a participação para além da concepção da obra, reconhecendo na execução formas de apropriação do espaço e fortalecimento do sentimento de pertencimento por meio da imersão no local. Outras formas de participação e apropriação também se apresentam na dimensão interpretativa do processo. Nas conversas e trocas, as crianças demonstraram domínio sobre arte, com falas que evidenciam o entendimento da proposta, o reconhecimento da origem dos elementos e seu reconhecimento como participantes da obra.

Assim, entende-se que o processo participativo não possui um percurso linear e sempre crescente, mas um movimento com variação de aproximação em cada etapa. É fundamental, portanto, manter a constante abertura ao diálogo, à escuta ativa e à legitimação dos saberes locais. Também é fundamental incorporar o saber técnico de maneira horizontal, alinhado às discussões e comprometido com a execução de forma organizada e coletiva.

Para além do processo de intervenção, também foram observados reflexos da ação pelos moradores da rua e as crianças participantes. Segundo relatos dos integrantes da Residência ATHIS-UFSC, alguns moradores passaram a ter maior receptividade e confiança no trabalho desenvolvido pela equipe. A qualificação do espaço público com ações como essa e o calçamento da rua, contribuem para o cuidado coletivo com o território. Como reflexo desse movimento, presenciou-se a pintura da fachada realizada por uma moradora para a abertura da sua primeira loja física de encomenda de bolos (Figuras 92 e 93), que evidenciou a influência da intervenção no local.

Figuras 92 e 93: Intervenção na fachada por moradora da rua



Fonte: autoria própria.

A participação das crianças como protagonistas das oficinas foi essencial para olhar para o território de forma mais sensível. A inclusão da perspectiva desse grupo no olhar sobre a cidade mostrou outros modos de perceber e viver o território. Elas ocupam os espaços de forma lúdica, onde o corpo interage intensamente com o local, com experiências completamente diferentes das vivenciadas pelos adultos. Incorporar seus desejos e olhar para a rua como lugar de brincar, enriquece os espaços públicos, tornando-os mais amáveis, convidativos e seguros.

Os impactos foram ainda maiores com os trabalhos da Residência ATHIS-UFSC, que com um projeto participativo, executou as calçadas da rua, o plantio de árvores e vegetações arbustivas, mobiliário urbano, pintura de urbanismo tático e iniciaram o calçamento da viela (Figura 94).

Figuras 94: Intervenção na rua Antônio de Souza



Fonte: autoria própria.

A partir disso, foi possível observar a importância da transdisciplinaridade, para que a transformação do espaço aconteça de forma holística (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2024). O caso da viela constituiu-se como um exemplo prático dessa dinâmica, onde a intervenção de arte urbana isolada não foi suficiente para criar um ambiente mais convidativo. Foi necessária a execução do calçamento, aliada ao plantio no canteiro em frente ao mural, para que o depósito de materiais fosse realocado e a esquina pudesse se tornar um ambiente de uso coletivo (Figura 95 e 96).

Figuras 95 e 96: Vuela antes e depois das intervenções da Residência ATHIS-UFSC.



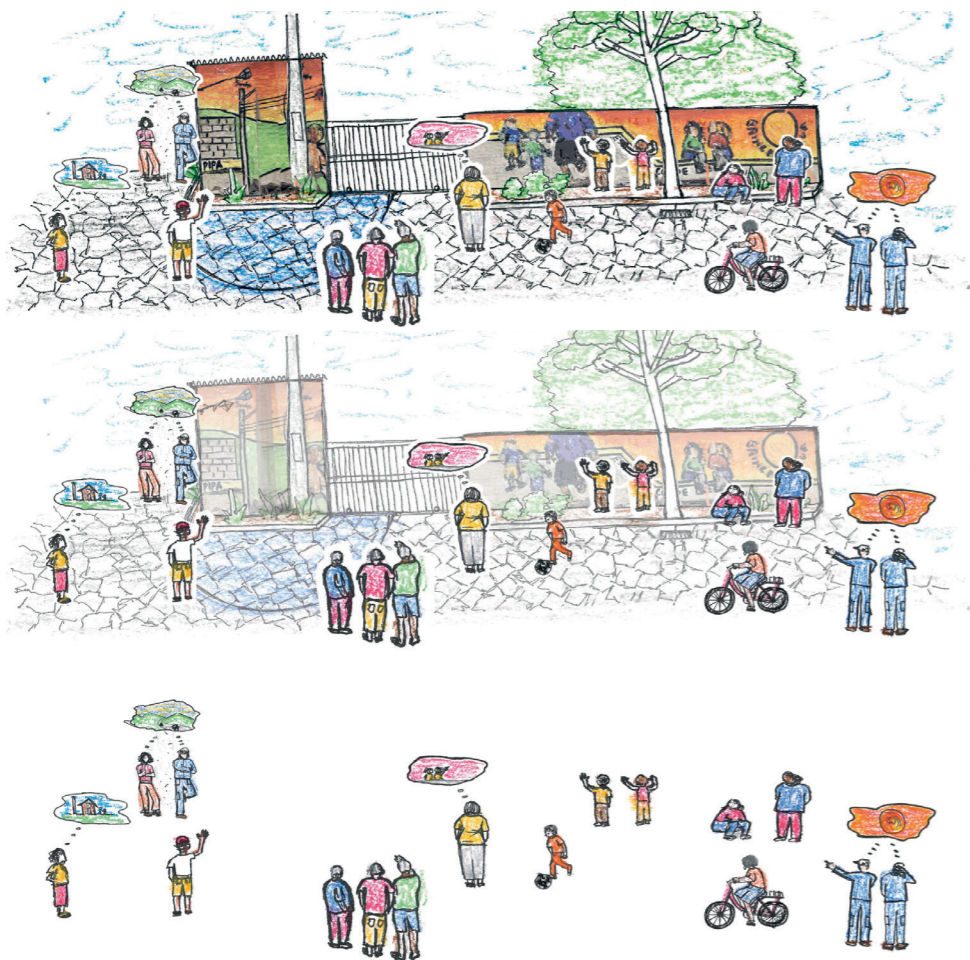
Fonte: autoria própria.

Dentre os desafios enfrentados durante o processo, a sua implementação foi algo marcante. Por ser uma ação em pequena escala e de curto prazo, sua viabilização só foi possível devido às bolsas de permanência oferecidas pela Residência ATHIS-UFSC e pelo apoio com materiais de pintura oferecidos por empresas parceiras. Entendendo a lógica do mercado, para essa aproximação foi extremamente importante o diálogo para identificar os pontos de interesse e de convergência entre a proposta e o posicionamento das empresas, para que a liberdade de execução, o comprometimento com o processo participativo e o cuidado com os envolvidos continuassem como prioridade. Diante disso, leva-se à reflexão sobre a importância do amparo para a continuidade de ações como essa, através da implementação de políticas públicas, que incentivam o trabalho do arquiteto e urbanista nas favelas, como também a necessidade de fomento à arte e cultura de forma universal, para viabilizar a construção de cidades mais inclusivas (ALEGRE; FONTES, 2024).

O QUE FICA?

Vê-se, por fim, que a intenção transformadora acontece pelo demorar-se na vivência artística e estimular aspectos sensoriais de cada um. A valorização da experiência singular de cada participante e a criação de novas memórias se constituem como elementos fundamentais do processo. Como aponta Chagastelles (2011), a “eternidade do efêmero” se manifesta na arte vivencial, aquela capaz de criar memórias e estimular sensações que perpetuam a ação no tempo. “Essas vivências sempre se processam através do sensorial, do fazer, e não por um processo intelectual. A proposta é que o fruidor atualize, naquele momento da vivência, uma memória mais inconsciente, de forma que, no momento de desatenção, o cérebro deixe emergir parte das memórias mais dilatadas, que serão atualizadas na experiência do acontecimento. Assim, neste encontro (através da ação do fruidor), algo é revelado, atualizado; o sujeito, e conseqüentemente o mundo, se transformam.” (CHAGASTELLES, 2011, p. 57). Posto isso, vê-se a arte como um elemento efêmero e a intervenção como um produto que promove a amabilidade urbana, por instigar uma série de aspectos subjetivos e sensíveis a partir das interações entre as pessoas, a intervenção e a experiência vivida. Como argumenta o autor, “A noção de obra é aqui entendida como um conjunto de manifestações sensíveis – e não mais como o objeto de arte em si - que atribui sentidos ao discurso artístico.” (CHAGASTELLES, 2011, p. 58).

Assim, o que fica são as experiências vividas, os vínculos criados e a memória de uma construção coletiva.



NOTAS DE RODAPÉ

¹ Curso de especialização que está dentro do programa Periferia Viva, instituído pelo Ministério das Cidades, integra a Política Nacional de Desenvolvimento Urbano (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2024). De acordo com dados do acervo da Residência (2024), possui como foco na reflexão crítica, no aprendizado e na vivência prática em assistência técnica em conjunto com comunidades que não possuem acesso ao papel do arquiteto e urbanista. Busca atender aos princípios fundamentais apresentados na Lei Federal 11.888/08, promovendo a qualificação de moradias e espaços públicos e coletivos de territórios periféricos.

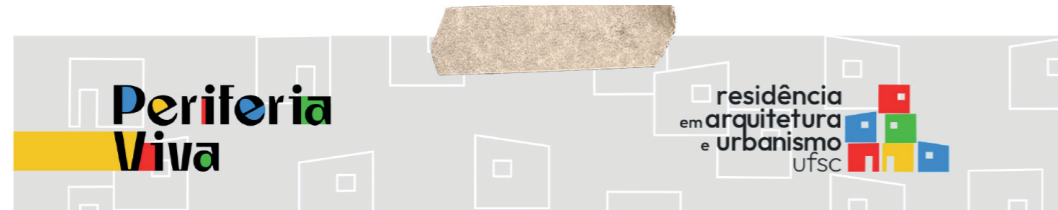
² “A noção de estereótipo quando conotado pejorativamente, aponta para uma representação simplista, fazendo parte de uma ideia pré-concebida e pouco (ou nada) elaborada, utilizada por todos e com potencial de discriminação quando aplicada a uma ou várias categorias sociais.” (FERÉ, 2023, p. 86).

³ O direito à cidade é definido por Henri Lefebvre (1999), como o direito universal de participar das dinâmicas urbanas. Trata-se da apropriação dos espaços e oportunidade de criação, afirmando a cidade como um local de diversidade, interação e transformação coletiva.

⁴ Integra a política Nacional de Desenvolvimento Urbanos e mostra os caminhos possíveis para a implementação de ações em territórios periféricos. O Guia apresenta estratégias de ação para um trabalho com participação social e valorização dos saberes locais, a fim de promover melhorias em moradias e espaços públicos. Também ressalta a importância da valorização da cultura local e busca garantir a justiça social e direito a todos (MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2024).

ANEXOS

Anexo 01: Ofício para buscar apoio para os materiais da intervenção artística



Florianópolis, 26 de junho de 2025.

CONVITE

Prezado(a),

A Residência em Assessoria Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS), vinculada ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), vem, por meio deste, solicitar o apoio dessa instituição por meio da doação de **materiais de pintura** para a realização de uma ação comunitária na **Comunidade Frei Damião**, localizada no município de Palhoça/SC.

No dia **12 de julho de 2025**, será realizada uma **ação coletiva na Rua Antônio de Souza**, que contará com a realização de um **mural coletivo**, elaborado em parceria com os moradores. A proposta visa estimular o **senso de pertencimento, cuidado com o território e expressão comunitária**, através de práticas colaborativas e artísticas.

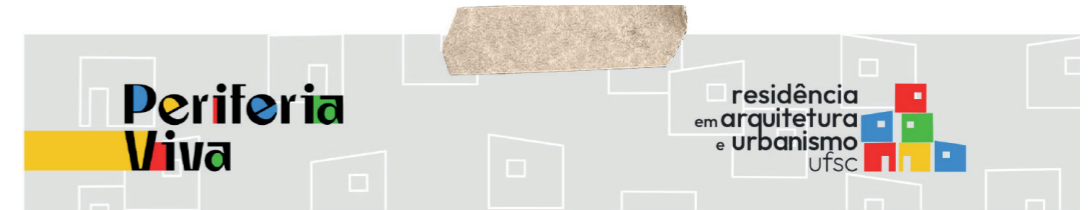
Para viabilizar essa atividade, solicitamos, dentro das possibilidades da instituição, a doação dos seguintes materiais:

- 02 bandejas de suporte para tinta;
- 02 rolos de pintura;
- 07 pincéis
 - 01 de 3"
 - 02 de 2"
 - 03 de 1"
 - 02 de 1/2";
- 01 rolo de fita crepe;
- 01 lata de 18l de tinta látex branca;
- Corantes para tinta:
 - 02 pretos;
 - 03 vermelhos;
 - 02 laranjas;
 - 02 amarelos;
 - 01 verde;



Fonte: autoria própria.

Anexo 02: Ofício para buscar apoio para os materiais da intervenção artística



- 01 azul;
- 02 ocre;
- 02 latas de spray:
 - 01 sombra;
 - 01 chocolate;

Toda e qualquer contribuição será extremamente valiosa e contribuirá diretamente para o sucesso da ação. As doações poderão ser entregues até o dia **07 de julho de 2025**, em local a ser combinado com nossa equipe.

Desde já, agradecemos pela atenção e disponibilidade. Permanecemos à disposição para mais informações e para apresentar o projeto em detalhes, se desejado.

Atenciosamente,

Residência ATHIS – UFSC

E-mail: frente4.athis@gmail.com

Instagram: [@athisufsc](https://www.instagram.com/athisufsc)

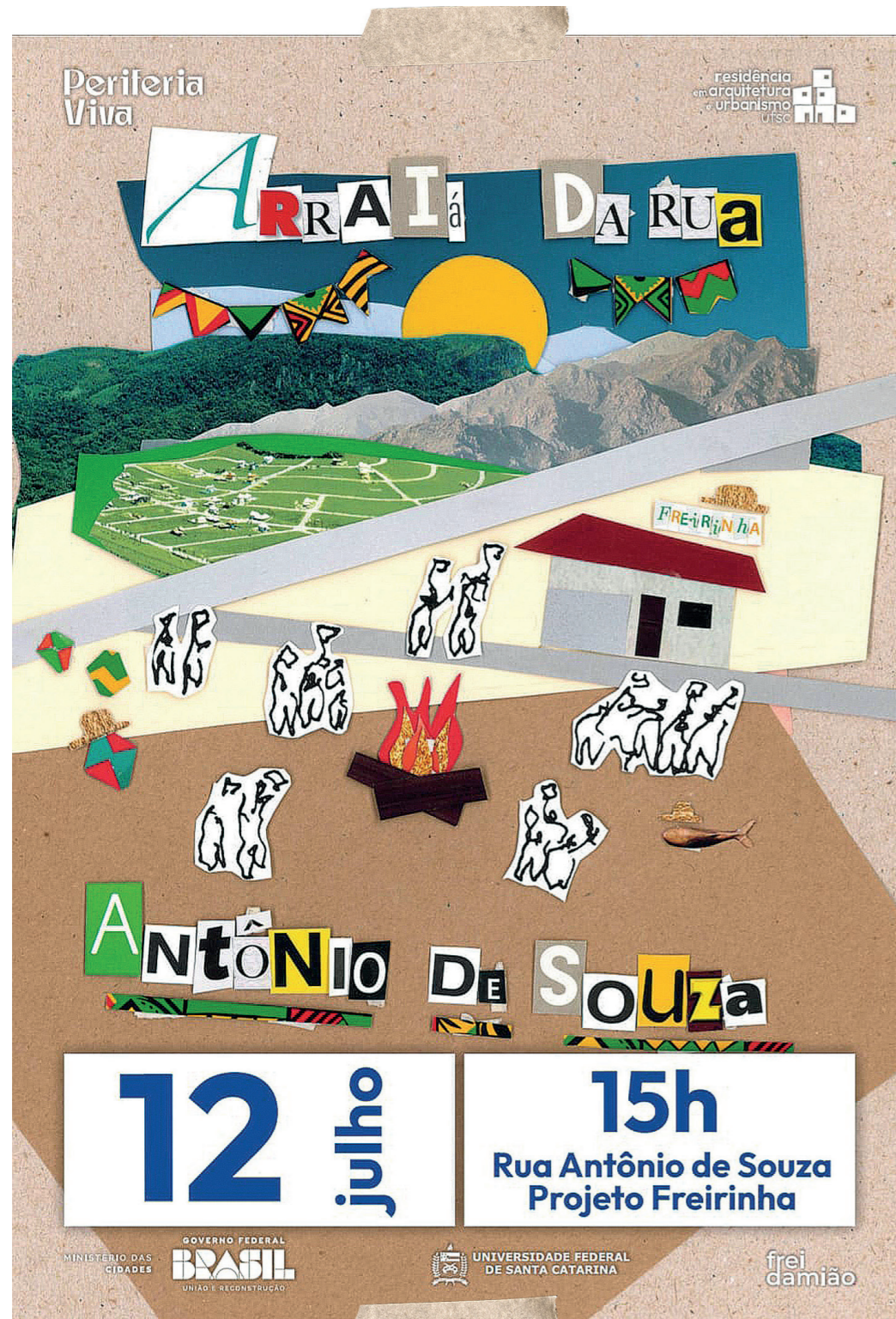
Samuel Steiner dos Santos

Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFSC
Sub-coordenador do Curso de Especialização em ATHIS



Fonte: autoria própria.

Anexo 03: Convite para a Festa Julina - Primeiro dia de intervenção



Fonte: acervo Residência ATHIS-UFSC.

REFERÊNCIAS

BATALHA, E. D. Direito à cidade e espaço público: perspectivas de contra usos do espaço a partir do movimento hip hop. Artigos da NAEA, v. 1, n. 3, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/8358>. Acesso em: mai. 2025.

BILESSIMO, Lucas Burigo. A reconquista do espaço da rua: Redesenho das vias para a comunidade Frei Damião. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Curso de especialização em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Acesso em: jul. 2025.

CARTANA, Ana Luíza Fontoura. Solidariedade e sustentabilidade: Propostas para um banco de materiais de construção na Frei Damião. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Curso de especialização em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Acesso em: jul. 2025.

CHAGASTELLES, Gianne Maria Montedônio. Eternidade do efêmero: memória e vivência na arte contemporânea brasileira. Revista de História Comparada 6.1, 2012: 24-63. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3970515> Acesso em: nov. 2025.

DE SOUZA, J.; BARBOSA, J. L. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, n. 1, p. 115-126, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cdf/article/view/9062>. Acesso em: out. 2025.

FONTES, Adriana Sansão. Amabilidade urbana: A qualidade do espaço-tempo da intervenção temporária. Rio de Janeiro. Cadernos do PROARQ (UFRJ), 2011. Acesso em: jun. 2025.

FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. Rio de Janeiro: UFRJ / FAU, 2011. Acesso em: jun. 2025.

GUATELLI, Igor. Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual. Editora Senac São Paulo, 2019. Acesso em: out. 2025.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. Tradução de Anita Di Marco. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. Acesso em: jun. 2025.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. Vol. 5. São Paulo: Centauro, 2001. Acesso em: ago. 2025.

LUZ, Nathalia. O Grafitti como prática artística urbana e a percepção do usuário do espaço público: um olhar sobre Shoreditch, Londres. Mestrado—Lisboa: ISCTE Instituto Universitário de Lisboa, 2022. Acesso em: mai. 2025.

MINISTÉRIO DAS CIDADES, Secretaria Nacional de Periferias. Guia do Plano de Ação Periferia Viva. Brasília, DF: Ministério das Cidades, 2024. Acesso em: nov. 2025

NOBRE, Maíra Ramírez; BRANDÃO, Rafael Silva. Muros: entre-lugares, usos e ruas. Revista VI Rússia, v. 1, n. 14, 2017. Disponível em: <https://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/278>. Acesso em: mai. 2025.

OLIVEIRA, Jess; BARBOSA, Jorge. A rua é nóiz: fundamento hip-hop e direito à cidade. Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, v. 15, p. 14, 2023. Acesso em: ago. 2025.

RODRIGUES, Roberta; MAZARO, Gustavo; MACUCH, Regiane. Arte urbana: o graffiti como qualificador do espaço público. Revista NUPEM, v. 16, n. 38, p. 17, 2024. Acesso em: ago. 2025.

SANTOS, Sérgio Baptista dos. O surgimento da favela: segregação espacial e estigma moral. Khóra: Revista Transdisciplinar, v. 6, n. 7, 2019. Acesso em: jun. 2025.